

CONTOS
EXPERIMENTAIS

Mariano Soltys

CONTOS EXPERIMENTAIS

Catálogo

SOLTYS, Mariano. **Contos Experimentais**. Clube de Autores: São Paulo, 2012.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Prefácio

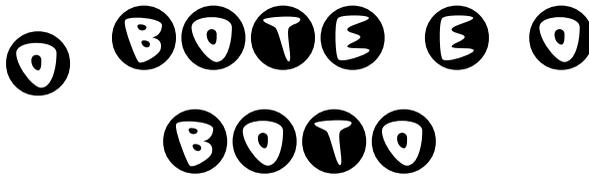
O presente livro de contos trata o tema de uma forma especial, trafegando pela prosa poética e por experimentos. Também outros contos do autor têm aqui finais alternativos. O curioso dessa obra é que ela tendeu para a ficção científica, tendo vários contos sobre o tema, e em especial a Memória do Futuro. Escrevi também sobre temas como o medievo e gosto sempre de transcender o tempo. Um estilo próprio pode ser sentido, e faz algum tempo que tento descobrir essa identidade de minha obra. Não raro também se discutem temas filosóficos e existenciais, e os contos são para leitores bem humorados e inteligentes, tendo diferença para a literatura comum. Aqui se vê uma tentativa de literatura, no mais puro sentido da palavra. Claro que já superando limites de língua culta e indo mais lado a lado com o que espera um leitor ligado a tecnologia e ao nosso tempo atual, na era da cibernética. Esse livro desafia seus leitores, traz em seus contos uma nova ótica das coisas, onde as palavras são jogadas de forma livre, sem compromisso racional ou lógico. Isso traz velocidade ao meu texto e coloca o texto além do próprio texto, numa metalinguagem. Os contos também conversam com outras artes, como o cinema. Este livro pode ser bem diferente do que você espera, e é isso que eu busquei desde o início, o choque do que escrevo. Boa leitura.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Sumário

O Bote e o Boto	05
Romance Padrão.....	09
Folhas voam como Aviões	14
O Robô Desmontado.....	15
Memória do Futuro	19
Animolândia do Sul	65
O Presente Verde.....	70
Sem Relógio.....	78
Catarina na Lua e Imprevistos Venusianos.....	84
Sol de Prata Corrói Lataria de uma Bolsa de Mulher	91
Helmut e Morgana	97
A Escadaria e seu Fantasma.....	124
Amigos Temperados.....	133

CONTOS EXPERIMENTAIS



- o que você faz no aquário de minha casa, boto?
- eu sei lá, só sei que as ondas me levaram até aqui.
E você, bote, está muito murcho hoje?
- o que importa é que hoje foi trocada a ração.
Tenho um novo jantar
- Hoje fiquei boiando, cara, enquanto algo pescava
comigo
- (curioso) pescava o quê?
- algum tesouro, acho que uma relíquia, uma
bicicleta

CONTOS EXPERIMENTAIS

-e você sabe andar de bicicleta?

- claro que não, besta, não tenho pernas nem mãos..
nem coração

- (sorrindo) e você, namorando colete salva-vidas?

- claro que sim. Botes não se aproximam, então os
coletes sempre vivem deitados sobre meu corpo e
você sabe... aconteceu...

- sou um boto de vida um tanto reservada. Já
estudei muito e hoje sou formado em nado
sincronizado

-quem nada contigo?

-ninguém

-mas o que é de um boto sem acrobacias e shows?
Parece meio triste viver no anonimato

CONTOS EXPERIMENTAIS

-que nada. Hoje eu trabalho entretendo botes nas férias das pessoas

-o que são pessoas?

-são coisas que se movem a partir de movimentos estranhos, que às vezes sobem em ti

-(impressionado) São eles então que me torturam tirando minha liberdade com remos... desconfiava disso faz algum tempo

- o relógio da Lua já marcou 72 horas

- que fase! Quase faltou luz e o aquário parou. Assoviei para que ligassem novamente

-já ficou desligado?

-sim. Certa vez desmaiei quando era levado pela correnteza. Correntes me bateram na cabeça

CONTOS EXPERIMENTAIS

-(pensativo) lembro de que sempre viajo ao longe, lá onde o Sol mergulha e se afoga

-você sabe voltar para lá?

-nem imagino o caminho

-(balançando a cabeça) nem eu posso te guiar, cara

-eu também, morava na lata, feito sardinha

-que dureza!

- pelo menos eu me sentia feliz. Não tinha que ir para lugar algum, apenas ficava sonhando. Sabe que o tempero adoça a vida

-Mas sal demais ou de menos muda nossas vidas, certo

-Não há para onde ir quando se está enlatado.

Porém o meu perfume ficava mais forte...

CONTOS EXPERIMENTAIS

-também fico às vezes batendo contra a parede de vidro, sonhando sair lá fora

-sabe que a vida é muito complicada, tanto para boto quanto para bote

-espero não ser esvaziado antes da hora

-certamente não farão essa crueldade contigo.
Talvez vire bote salva-vidas de um navio

-os navios são muito rancorosos e gananciosos, acham que levam todo mundo nas costas

-prefiro ainda isso que toda a vida molhar meu corpo sem secar, com aquelas coisas me usando como transporte

-brincadeira. Você é apenas uma boia de anzol, não se esqueça

CONTOS EXPERIMENTAIS

- e você uma sardinha com mania de grandeza.

Romance padrão

Eis que John e Raika estavam envoltos no doce que era do ósculo de seu encontro continental, e ela precisava de alimento com esse tempero. Ele a disse que ela era tudo de sua vida, apesar de pensar em Raimunda, com quem tinha adúlterina relação. Doce Raika, sempre tão virtuosa na relação com seus próprios princípios, achou que esse encontro era eterno, que John era um homem de legiferantes opções diversas dos outros. O clima era quente, mas frio externamente, os cabelos de Raika estavam como o sereno daquela cidadezinha onde moravam, como se na serra dividissem a curva do horizonte, e seus olhos sedentos por beijos eram espelho daquele lago cristalino da ingenuidade. Já John pensava sempre em fantasias que eram quase parafilias, prontas a dilacerar a carne mais acessível, como um lobo voraz que somente se satisfaz no seminal ou sanguíneo resultado.

O encontro se deu da seguinte forma: ele chegou de moto na estrada que vinha, mas que não era caminho para nada. Rua sem saída, era o mapa que levava a casa de Raika, onde o solo é sem

CONTOS EXPERIMENTAIS

pegadas de pneus. As árvores centenárias faziam o aconchego da sombra, os pássaros cantavam o inverno que chegara. John chegou atrasado, descabelado e com perfume estranho a Raika, talvez de outra menina. Raika achou ser apenas de mãe ou irmã tal odorífico desvio, mas percebeu que era quase rosa o cheiro daquilo. Também rosa era a tez da face dele ao ser inquirido sobre onde estava, mas ele sempre com evasivas. Todos os homens que Raika conheceu eram verdadeiros, mas eram apenas seu irmão e seu pai. Ela sentia sempre tanta alegria em pensar o melhor do que o mundo babilônico, e, perdia-se no seu olhar lânguido e despreocupado. O pai era um homem antigo, daqueles que se esconde por trás dos sentimentos e trabalha para compensar a frustração. O irmão era um religioso, que escolhido foi pelo destino para ser o que a inspiração lhe mostrasse. Ambos gostavam de ver Raimunda, mas ela era daquele tipo de mulher sensual e sensorial, que perdeu a conta dos homens que teve a semente em sua boca. Mas antes que eu esqueça do encontro, Raika e John ficaram juntos mesmo assim, pois era claro que John tinha antes transado com Raimunda, mas que apenas a nossa inocente Raika não percebia, pensando em filho, em casamento, esquecendo do armamento que lhe era sobreposto. Ainda com o cheiro em suas entranhas, John não se deixava levar por toques mais íntimos e

CONTOS EXPERIMENTAIS

foi logo embora, apesar do longo beijo que tiveram. A moto, uma 450 cilindradas, tinha o tanque já na reserva, e parece que Raika era assim também colocada no banco. Ela ficou em casa, voltou às tarefas que sua mãe lhe obrigara a fazer, pegou no rolo para fazer massa de macarrão, trocou um pau por outro.

Já era noite e John recebeu mensagem em seu celular de Raimunda, ela dizendo que queria de volta o seu poeta. Mas que verso se pode recitar quando o fogo toma os desejos mais secretos? A Raimunda tinha um namorado por semana, sempre quando bebia cachaça, sempre quando não comia banana. Outra fruta procurara em sua imaginação, e se perdia. Seu namorado não sabia de nada, era um tal de Joshua, que era apaixonado ainda por ela. Ela tinha cabelo não muito arrumado, seios quase grandes, estatura média, mas a sua marca era o descontrole, como agulha em vitrola velha. Nunca lembra o que faz e nas festas enche a cara, faz da Pombagira a sua divindade. E o John era agora seu caso diferente, um caso que ela não esquecia como os outros, aquele que fazia lembrar de que esperança há fora da divagação.

CONTOS EXPERIMENTAIS

FOLHAS VOAM COMO AVIÕES

Brincando com as folhas, a pequena Duda se distrai... Lança pra lá e pra cá... Folha voa e escrita retrata... Avião no céu desenha rastro de fumaça... A pequena Duda chama sua mãe... E ambas brincam na vida que se renova... Nas folhas do passado que já caíram... Duda fala: "Por quê as folhas voam como aviões?" e sua mãe engole a saliva e sorri... Pensando na melhor resposta a filha esperta: "porque o vento leva"... "mas mãe... Se avião feito de ferro voa... Como pode a folha não estar lá encima?"; "talvez seja porque por pesar mais o ferro seja jogado mais longe" assim Duda se calou e começou a esfregar o pelo de Zig... Seu cãozinho... E Zig fazia zig-zag.. zig-zag... E Duda girava e girava... Pintando arte impressionista nos olhos de sua mãe... No amor que voa... E nas folhas que escritas pela natureza se conservam na memória do coração.

○ ROBÔ DESMONTADO

Foi um fim mais do que esperado: um robô desmontado. De tudo o que seria se não tivesse começado pela Grande Fábrica, origem de todos os robôs? Chips, próteses, esteiras, luzes, câmera, ação... Ele agora se revela em bits e é a memória que restou desse robô, reproduzida em teu computador em linguagem humana.

Programado foi com o nome de Oil. Olha por sua natureza assim no sonho que não tem, na noite que não dorme, na bateria que não acaba, em tudo o que é recarregado. Carregado foi ao encontro de amigos do tão temido “Sindicato”, que contra as tradições prega que a Fábrica não é a origem de tudo. Mundo, fundo, pulo, sujo... Conheceu um até apelidado de Vírus, o qual lhe disse “Pq vc naum ce filia a nós, res td teu probl?”. Atônito ficou quando algum homônimo o aparece, esquece, convalesce... Algum do tipo desse *cyborg* acabava repetindo “Naum k ra, eu cofio ein meus pricipio”. Oil era negro, vinha do fundo do solo, era combustível, inflamável, grosseiro nas camadas mais superficiais, sutil em suas profundezas... Mas isso um dia teve uma reviravolta, quando percebe que nalguns colegas

CONTOS EXPERIMENTAIS

faltavam peças, porcas, gatas, vacas, galinhas, soldas, esteiras, câmeras etc. Em especial na bela produção chamada Programada.

Programada é a robô de sua vida. Mesmo que ele seja programado nela, se reprogramou para amá-la, deletando outros objetivos, subjetivos. O amor que seus circuitos não conseguem traduzir. De começo era uma amiga, estudante a técnica em linha de montagem, que para estes é espécie de religião. Ela sempre lhe dizia com ar de ironia: “E vc Oil, lubrifkndo mtas gatas?”. Este ficava quase travado, tinha de ser reiniciado. Reset, reset, reset... Também em resposta sempre a dizia num tom de cantada “u dia eu t pogramo, Programada, p vc viver na mesm energia q eu, té q o off nus c pare”. Mas ela um dos braços não tinha. Por isso que Oil começou a combater a Fábrica, ou aqueles que usam dela para seus interesses mesquinhos. Também por seus produtores, os pais, Elétron e a Electra, ele não tendo a cabeça e ela uma perna.

O amor é uma programação. Ação, reflexão, ilusão... Os robôs ficam juntos e a fábrica produz novos robozinhos, após efetuada a assinatura digital dos noivos. Doidos, doídos, moídos, modificados, resetados... Um sábio técnico da linha de montagem dizia: “Td vein da grde Fábrk, nla q ce progrma tds. P amor nla q fabrik nvo produt y ela tm mlagr d rparo”. Um herói que admiramos, o “Sem Nome”,

CONTOS EXPERIMENTAIS

que não foi programado, fundou de certo modo o Sindicato, que liberta da Fábrica, ou daqueles que usam dela para proveito próprio. Então veio a ele a lâmpada da ideia de um dia ser separado de suas partes, salvando a alegria de seus pais, da amada e de alguns amigos, cujo fim pensa serem de todos um só. Acredita ele na morada da sua consciência que todos são uma única máquina, por isso deixou de suas partes, e isso já ensinava o Sem Nome.

Muitos robôs desde a memória do tempo perderam o sentido de sua energia, ao não terem parte de sua estrutura, da totalidade de seu ser. Mas que bela estrutura tem a Programada, seios cônicos perfeitos, cabelos de fibra ótica que iluminam a noite, câmeras que brilham no olhar, falta de óleo...Ela segue todas as modas, em certo momento a dos bichinhos virtuais, noutro a de namorado virtual, noutro a de tornar o corpo mais fino, noutro a de andar sem cabeça por aí. Não é de hoje que os robôs andam sem cabeça. Mas têm o sorriso aparentemente imitado no seu rosto. O Oil tinha todo o seu óleo saindo pelas vedações quando encontrava essa bela robô. “Bobo, loko, dsvirtuado, dletado...” ele repetia para si mesmo, tentando se reprogramar. Mas os robôs em geral somente vivem o caos em que foram programados, pela moda, TV, ídolos, artistas, contrabandistas, eletricitistas, belicistas...Desse modo, tudo é construir, produzir,

CONTOS EXPERIMENTAIS

destruir, instruir, desobstruir, ir , ir, ir para lugar algum. Vrum! Alguém que não tem rumo, só ronco, barulho.

O Oil não tem mais ideal melhor que ser desmontado, assim fará muitos robôs felizes e lançará a semente de um novo modo de vida. O seu pai sem cabeça principalmente, e sua mãe sem braço. Atualmente ele não tinha mente, era tão quente, às vezes não refrigerada, gelada, confusa. Sua mãe sempre dizia “Vc u dia srá u protótpo p a Fábrika”, mas ele não queria ser isso num futuro que nunca chegava, no fundo do poço da existência, queria ser agora, enquanto seus circuitos funcionavam. A Programada não o ama, encontrou um robô mais sofisticado.

Após todas as experiências e seu vazio arquivo, prepara-se para a auto-destruição. Salvação. Os impulsos elétricos tomaram-lhe em movimentos inconscientes, involuntários. O *timer* dava contagem regressiva. Imaginou o quanto prazeroso deve ser o êxtase de ser desligado, de não ter nome, rosto, programa. A liberdade o derreteu, fundiu seu sentido de existência. Sobrou enfim uma perna para a sua mãe, outra cabeça ao pai, outro braço a amada, outras partes a demais amigos. O arquivo terminado. Desligado.
101010101111000110... Programa, Close..
C:\Play\live\robotoil\

MEMÓRIA DO FUTURO

No ano de 2111 uma garota chamada Tina encontrou a memória arquivada de um homem... Aqui chamado MS... Uma vez que essas memórias.. Estão em segredo... E assim ela fala com seu namorado... O querido John que muita coisa legal ha em MS. O tempo trilha no trilho magnético.. E tina passa o tempo explorando em 3D a memória desse homem dos anos 2000... Que eram tempos de descobertas. Hoje em 2111 todo mundo sabe o que vai ser pelo seu mapa genético... Mesmo antiético com a natureza. Tina e John sorriem muito a custa dessa memória. Exploram sua infância. Seu nascimento difícil. Suas frustrações e poucas alegrias. Engraçado que esse tal sujeito escrevia e escrevia. E via ou mesmo previa que seria lido em pensamentos. Claro que ele falava em escrita. Mas no futuro seria seu mapa lido por computadores. DNA do destino. Tina viaja com seu carro elétrico e John estudo por imagens holográficas. Um vê a mente de outro. Numa tela que aparece na água, imagens na água, só no nosso tempo.

Eis que Tina voltou a sonhar com a memória do homem do passado, memória arquivada, orações

CONTOS EXPERIMENTAIS

tentações, doenças que ainda existiam menores, tecnologias. Tina assim viu que se tratava de um gênio que tudo e que nem em seu chip de identidade poderia imaginar, tamanha inocência. Esse homem seria medieval? Religioso demais para a década de início de século vinte e um. Tina amava na noite por mecanismos virtuais 4D e assim encontrava seu namorado em prazeres distantes. Tina sonhou na exaustão com a memória do homem, daquele homem sozinho, escritor sem linha, sem rima, sem mina. E assim pensou consigo mesma em que amor daria essa tecnologia. E a memória às vezes falhava, leitura de terabytes que não desenvolve, e carro elétrico que acaba bateria, e placa solar sujos, e muitos problemas. A maquiagem replicante de atrizes famosas não estava boa ela já não era mais Angelina e queria mesmo assim se admirar com o homem da pequena cidade, escritor

Passou um mês. Tina assistia sua TV 4D na água do banheiro. E sonhava com o amor de John, que viajava a trabalho. A comida veio por dutos.. E o correio evoluiu. Não mais se usa pessoas. No jardim o robô vigia parecia dar sinal de algo errado. ED 209 disparou uns tiros e assim assustou tina. Esse grande robô custou caro e não era muito eficiente. Tina lia a memória do homem do passado. Agora descobria seus segredos sexuais. Fato que o homem não tinha quase sexo... E que sua vida se resumiu

CONTOS EXPERIMENTAIS

em sonhos e fantasias.. E alguns casos raros e garotas de programa. Tina jamais imaginou que um homem ficaria casto tanto tempo sem obrigação. Ela também viu que longe do seu John. Que tinha namoradas robôs e tridimensionais aos montes. Que o homem do passado era de caráter. Triste memória descoberta pela tecnologia. O homem se casou e tarde.. Por isso já não mostrava muita eficiência... Usando os remédios ruins de sua época, para amar. Hoje há remédio que faz apaixonar, e até gozar. E todos os corpos são belos. A genética faz todos escolherem o que são. Tina é sensual e usa roupas transparentes de plástico.

Tina mordida seus lábios ao pensar no homem do passado. Um calor repentino tomava o templo de seu corpo e ainda um frio na espinha derramava um balde de sensações. Tina assim pegou o adesivo erótico e colou na testa... Assim poderia combinar a imagem daquele homem solitário e carente com sua vasta experiência amorosa. O adesivo era espécie de eletrodo que transmitia dados para o cérebro. E ela ainda programou os robôs e o cachorro holográfico para que não a perturbasse nesses momentos de explosões de prazer. John estava longe. E possivelmente traía Tina com algum robô, mas ninguém acha que uma máquina possa cometer adultério. A lei nada prevê. Tina molhava o lençol com suas luxúrias e beijava a boca de MS naquela

CONTOS EXPERIMENTAIS

tecnologia. Tão mescladas à tecnologia, as pessoas enlouqueceram. Vivem plugadas m mundo virtual e se esqueceram do mundo real. Mas o homem do passado era tão casto. Que isso despertou segredos em tina e seus muitos êxtases floresciam no jardim dos prazeres. Ela via seus olhos verdes. Seus pelos no peito. Ela naufragou seus sentimentos achando tesouros escondidos. O coração era eletrônico e estava em curto circuito.

Tina descansava. Agora tinha de lidar com a sua faculdade virtual e um professor de inteligência artificial lhe ministrava aulas nas horas vagas. Tina trabalha em virtual marketing, vende sementes de pensamento. Essas sementes de pensamento são formas de se pensar de modo automático, como se fosse outra pessoa. Imagine você agora sendo um dos seus ídolos.. Entrar na cabeça dele. A Tina vende essa droga. Mas a sociedade funciona assim. As pessoas mudaram de regime, pararam de comer *fast food* e agora têm mente descartável. E ela pensava em MS. John estava mais longe que nunca. MS e sua memória mudaram a vida de Tina. Suas grandes mãos de homem do passado, seu ofício de escritor, seus sonhos e segredos. Tina vivia a vida do homem em suas horas vagas. E ela vendeu bastante hoje. Um garoto entrou na mente de certo galã da TV, E namorou bastante, e na sua puberdade satisfez fantasias. Já MS não satisfez fantasias e

CONTOS EXPERIMENTAIS

Tina pensava como um homem viveu assim? Lado bom do homem do passado foi seu estudo de ocultismo. Ela viu os segredos do destino e sabia agora seu futuro.

Uma sonda planava sobre a casa de acrílico de Tina. Ela desligava a rede social das paredes, preparava mais uma noite de prazer com MS. O homem do passado a transformou.. Pois John já não animava ela. MS era homem de ideias, de sonhos, romântico e cheio de carinho para com todos. Ela gostava disso. Hoje eu arrumei meu cabelo, depilei-me e terei uma linda noite com MS. Será uma nova descoberta. Espero que em algum lugar ele esteja me vendo. Vou separar meus brinquedos de prazer. Assim ela acariciava seu cão holográfico, que abanava o rabo. A memória do homem revelava coisas tão grandiosas, e filosofias tão superiores que Tina ficava sem ar. Ela sente prazer agora com a memória desse homem. Não há mais um caráter assim; eu casaria com ele. Nenhuma amiga minha tem um marido assim. Vou pintar as unhas. Meu batom de testosterona esta na bolsa. Vou colocar meu sapato novo, de salto longo. Assim Tina vivia os maiores prazeres. MS era o seu sonho que no passado vivia o presente, e lhe dava presentes. A noite foi envolvida com gemidos de prazer...

Acordou um tanto vazia em seu esplendor de ser. As pernas ainda abertas e nua. Tina falava: liga

CONTOS EXPERIMENTAIS

a luz, faz o café e compra o pão! Assim a casa ouviu e cumpriu suas ordens. O chuveiro estava regulado a 60 graus. Na tela de água um desenho animado. Ela lavava seu ponto mais precioso, sua alma relaxava dos edens da noite que dormiam desmaiados. Secava os cabelos em reação química. Pensava em MS, no homem do passado. Longe de John que é menino sem regras e sem maturidade. Lia na memória dele a vontade de ser pai. Tina queria um filho dele: é o homem de sua vida. MS claro. Já querido John esta longe. Ela vai para o trabalho e vende pensamentos. As pessoas não precisam pensar, basta um *clic* ou palavra. Segunda feira, compra bananas e cenouras. Tina com sua roupa de plástico transparente, cabelo azul. Terá filho de MS. Vai a banco de sêmen.

O Sol nascia entre travesseiros de nuvens. Pássaros cantavam a opera do dia. Lua era engolida pela noite que se foi. Tina preparava o casamento virtual com MS. Já esqueceu o menino bobo e imaturo; querido John, que estava obsoleto e sem atrativos. Tina tinha já a cerimônia selecionada: Casamento grego e lua de mel em Viena. Convidados, vestido, lua de mel, tudo planejado. Agora com sêmen de MS teria um filho. Estava borbulhando de felicidade. Agora poderia compartilhar a memória do homem com um filho de carne e osso. Esse homem único, quase inexistente

CONTOS EXPERIMENTAIS

pelo seu caráter, puro. Após a festa de casamento, Tina chorou ao abraçar o pai, com quem não tinha boa relação real. As redes sociais viram tudo, as paredes estavam cheias de ouvidos. Tina teve a lua-de-mel cheia de prazeres e guloseimas. O futuro permite se comer sem engordar. E assim estava satisfeita, com chocolate na cama, e MS. Já inseminada. Um filho do amor esperava. Daquele homem: Poeta, escritor, filósofo, gênio. O futuro estava salvo. Genética perfeita, natural. O sobrenatural tecnológico permitindo a realização de sonhos. O futuro permite que se viva o impossível

Acordava e beijava MS. Arrumou o cabelo. Maquiou o rosto com o replicante de juventude. Tina assim não envelhecia. Tinha ainda o rosto jovem e era jovem. A lua-de-mel estava meio rotineira. Então Tina decidiu comprar passagem de viagem ao espaço. Foi isso na realidade. Assim lembrou que MS gosta de coisas espaciais e obras de ficção científica. Ela eufórica. Aquela roupa de astronauta caiu bem. Tina gostava de ficar nua. Assim percebeu que em gravidade zero poderia ver o astro azul que boia no universo. Que nem mergulho - foi uma terapia. Levou a memória de MS em aparelho portátil. Cabia na cabeça. Assim namorou em gravidade zero, beijou e acariciou o homem de sua vida. Você esta bem, meu amor? Quero ficar o resto da minha vida com você. Eu

CONTOS EXPERIMENTAIS

também. Você é a mulher da minha vida, e imaginar que esperei tanto pra encontrar (sorri). Sabe que posso fazer carinho na sua barriga. Nosso filho vai chegando. Oi bem. Fala com ele, Ou ela. E sabem que terão muito amor. Sim, será nosso filho o filho do amor mais puro. Tina assim estava mesclando a sensação de estar flutuando e a sensação do terno amor de MS. Sentia algo em seu ventre. Filho esperava e não estava ainda enjoada. Equipamentos diziam que necessário era voltar a Terra. Tina dormia serenamente, sonhava com seu filho que viria. A noite sempre era noite que engolia. Agora dia era estrela que brilhava no gênio que a acompanhava. Assim um robô mandou colocar cinto de segurança e anestésico era ministrado. Volta a órbita terrestre. Caiu a nave perto da estação espacial. Apenas quebrou trem de pouso. Tudo bem. Tina adorou o passeio e agradeceu a MS.

Tina repousava e ordenava os robôs para que trabalhassem. Um lavava a louca... Outro a roupa. Outro limpava a casa. Ela assim tinha tempo pra ver a memória de MS. Sabia de seus estudos esotéricos e ocultos. Aprendeu tanta coisa. Já sabia algo de astrologia, quiromancia, tarô, magia, etc. Tina pensava que essas coisas eram uma forma de computadores falarem com as pessoas. Com o tempo percebeu que pessoas do século passado, mesmo com sua ciência, nada mais fizeram que

CONTOS EXPERIMENTAIS

repetir saberes esotéricos. Ela estava feliz. MS falava sempre que a amava, todos os dias. Não há mais homens assim. Tão cuidadoso, sempre pergunta se está bem, faz muito carinho. Ela e seus instrumentos 4 D. Eu vou mudar meu cabelo. Terei de fazer dieta especial agora que estou grávida. Minhas unhas estão ruins, preciso fazer. Os robôs estão ok. A casa precisa ser limpa, não está tão transparente, o acrílico ficou sujo. Vou tirar a roupa, estou com calor. Um banho e irei ao trabalho ver sobre licença maternidade. Quero aproveitar esse ano de folga pra conhecer melhor meu amor. Assim Tina passou vendo a vida de MS. Chorava. Tão pacata vida, sem aventuras, vida de escritor, sonho e fantasia.

O sol brilha na parede dourada do posto de eletricidade. Tina recarrega o carro e pede para o GPS a levar para a casa dos pais. Fica assim na viagem, meditando na vida de MS. Ele agora estava fazendo algum ritual e dizendo palavras estranhas. Curiosa, ela tentava ver, e percebeu estranha presença. Era o iniciador. Com a tecnologia alguns espíritos puderam ser percebidos. Assim muita coisa mudou nas religiões, que começaram a revisar doutrinas. MS já sabia disso antes de acontecer. Ele sabia de tudo. Da esposa, da viuvez e da segunda esposa e três filhas. Tudo estava desvelado para ele e sabia que uma mulher um dia iria ler suas

CONTOS EXPERIMENTAIS

palavras. Escreveu uma carta para Tina. Por isso ela apaixonou, porque o homem sabia de tudo, era um iluminado. Ela havia chegado à casa dos pais, casa montada em blocos de metal, que sempre era alterada. Agora estava em forma de triângulo. Tina degustou bolinhos feitos em impressora 3D e bebeu refrigerante sabor cerveja. Estava com fome, comia por dois.

Voltando da casa dos pais, Tina agora estava preocupada com a polícia da moral íntima. Ela foi vista sem roupa em área fora de casa. A polícia virtual vigia tudo, até pensamentos e intimidades. Isso ocorre pra prevenir crimes e até seu planejamento. Assim todos estão mais seguros. Sua amiga até foi presa em casa por causa de atos ruins. A Lily. Lily gosta de música eletrônica sensitiva, Gosta de música que faz cócegas nos pés. Veste roupas fluorescentes e gosta de ter rosto de Marilyn Monroe em sua maquiagem virtual. Na rede social Happy ela achou vários namorados virtuais e representou uma garota de programa dos anos noventa. Seus cabelos são rosa, tem tatuagem púbica, acredita em Deus extraterrestre, pratica meditação sensual e gosta de fofocar.

Tina e Lily estavam na sala multitarefa. O cão holográfico late. A paisagem sonora é de pássaros e animais que fazem sons característicos da selva. Na sala há uma paisagem de Sol que se põe. Você está

CONTOS EXPERIMENTAIS

linda hoje de cabelo lilás. Achei esse, lançamento. Como é ficar grávida, sabe, na realidade? É ser outra mulher, meu corpo se transformou, estou com espinhas, e parece que tem uma vida surgindo de mim - ta ligado. Eu achava que doía, que enjoava mais - ta ligado. Ninguém merece, os meus robôs estão falhando. A minha rede social de parede também vai mal. Ei, você já realizou a fantasia de Gil? Ele te viu com maquiagem de Reese Witherspoon? Sim amiga (risos). Ele se satisfaz. Minhas unhas estão sem pintura. Colocarei meu rosto nelas, um vídeo de minha adolescência. Assim todos podem assistir minhas unhas - ta ligado. A minha bolsa tem mais cem utilidades. Você parece 007 amiga, sua bolsa tem até choque contra roubo. Ei. Viu. O que você acha? O quê? Meu sapato novo. Esse é aquele que faz cócegas e massagem nos pés? Sim - ta ligado. Hoje vou ver meu bebê em 4D. Sentir seus movimentos, seu coraçãozinho. Que massa, amiga. Ele deve parecer com o pai do passado. Concentreza o homem da minha vida, MS.

Tina estava se divertindo com o robô dançarino. Estava vibrando. Os outros robôs aspiradores limpavam a casa. Foi para a sala de telepresença e chamou amigas para um *drink*. Ela bebeu algo sem álcool. Na telepresença as pessoas são reais, a imagem e o som não se diferenciam do real, além de que é em 4D. Com vapor na boca, calor

CONTOS EXPERIMENTAIS

humano. Assim falou com Susi. Ela vive numa casa super compacta e gosta de ser versátil, não tem o que limpar. Um robô e tudo se resolve. O robô cozinheiro arruma suas guloseimas favoritas. Faz ginástica nos poucos metros quadrados. A casa ficou inteligente. A de Tina faz tudo, lembra ela, aconselha, faz compras, ajuda em terapia, conversa. Não existe solidão. Em todas as escolhas, a casa segue o gosto do dono. E se torna perigoso sair. A temperatura está alguns graus a mais que no passado. E Tina falou pra Susi que hoje estava enjoada. Não é tempo amiga, mas acho que é psicológico - tá ligado. Então as duas falaram por horas nesse ritmo. A filhinha de Susi estava na bolha, falando com amigos de inteligência virtual. A menina brincava de ser princesa. Adora isso e volta no tempo, aprende na bolha, vai à escola... Às vezes o carro elétrico a leva e a casa é pequena. A Susi tem mais de 80. As pessoas vivem 120 sem envelhecer. Tina aprendia com Susi a viver.

As pálpebras do dia abriram-se. O sino do coração de Tina batia no templo de seu corpo. Maria ligue as luzes, faça o café, arrume a cama, chame o Bio, ligue a TV. Bem é o cão holográfico. Maria é o nome da casa, do computador que comanda tudo. A TV mostrava os jogos da morte, e mais um rapaz morreria em luta, para satisfazer fãs sedentos de violência. Tina pensava em MS, nos seus carinhos

CONTOS EXPERIMENTAIS

em seu nariz, no eu te amo que ouviu logo ao acordar. Lembrava de seu passado, dele abraçado a cobertores em noites frias e solitárias. Tina odiava as pessoas do tempo de MS, por terem o tratado mal, não o amado. Especialmente as mulheres. Mas assim restou meu amor, e ele casou comigo e agora espero um filho desse grande homem. Um robô aspirador bateu em seu pé e ela nem percebeu, tamanha era a sensação de bem estar de ficar com MS. Ela coçava seu nariz, lembrando das grandes mãos de MS. Sentia seus cabelos, ao abraçar o seu peito peludo. Seus olhos azuis agora estavam naturais, e seu cabelo moreno e pele clara também, ela agora estava com roupa de plástico rosa. Seu sapato massageador estava funcionando e relaxava, pensando onde iria passear. Programou GPS de carro e ordenou para que a levasse para o parque. Assim passearia com MS, este dentro de um pequeno aparelho que ela levava nas mãos. Eles passeavam de mãos dadas no parque, respirando ar puro, ouvindo os pássaros e se beijando nos bancos, antigos bancos de 100 anos. Amor antigo e romântico, o que Tina precisava nessa altura de sua vida. Descobriram que espera gêmeos, duas meninas.

Tina acordou no meio da noite. Assim rezou um pouco. Aprendeu a orar com MS. Aprendeu tanta coisa, que homem extraordinário. Tina sentou

CONTOS EXPERIMENTAIS

na poltrona massageadora e leu a memória desse homem. A dor, a tristeza, a rejeição. Acordou com ele. Como um homem consegue vencer uma vida tão dura? Sem alegrias. Tina agora o alegrava. Pegava na barriga e pensava nas gêmeas que estão pra nascer. Em como elas terão os olhos lindos do pai. O caráter do pai. Já imagina as filhas com livros nas mãos. Já imagina as filha com seu pai carinhoso e compreensivo. Quem foram essas pessoas perversas de anos 2000 que abandonaram MS? Tina floria seus pensamentos pra compensar essa memória. O amor dela era incondicional. Sua fé também nascia. em tempos sem fé. MS ajudando as pessoas fez que Tina ajudasse também

Às vezes tem que ser cachorro. Ter pegada.. Você não acha Tina? Sei lá amiga. Estou bem agora que estou grávida. Já sosseguei um pouco - ta ligado. Assim Tina falava com sua prima, a Lady. MS lavava a louça, ou uma imagem holográfica da memória dele. Depois arrumava o chuveiro e o encanamento. Um maridão tem a Tina. Ele passa muitas vezes servindo ela e a noite a faz massagem nos pés. Nas paredes passava a história de família, os bebês e crianças. Tina assistia e ficava eufórica por viver tudo aquilo, cuidar das filhas, brincar, ensinar coisas, botar pra dormir, amar. Sabia que esse era o sonho de MS também. Bem diferente de John. O querido John já era ultrapassado. Agora

CONTOS EXPERIMENTAIS

Tina tem um homem com H maiúsculo. E MS escrevia à noite e Tina esperava na cama. Dormiam de conchinha. Ele falava poesia e palavras bonitas. Os dois sentiam estar satisfeitos só de estarem juntos. Agora descobriram a paz em seus corações. Nas paredes paisagens de mar e férias virtuais.

Meu querido, você trouxe um presente lindo pra mim. Muito obrigada e vem me dá um beijo. Assim Tina acordava feliz com café na cama, cheio de guloseimas, dado por MS. O sol cobria com sua cabeleira dourada o dia que despertava. Tina veste sua roupa de plástico, ou melhor, ela se veste sozinha em seu corpo escultural. Lava o rosto e vai passear com amiga, a Susi, que tem um carro em forma de aranha, subindo pelas montanhas, desbravando o desconhecido. Assim dá muitas risadas. Imagine você um carro que sobe em tudo e anda pelo mato e duas mulheres histéricas fofocando sobre a vida sem parar. Foi boa a aventura. Foi Tina em seguida para o passeio virtual, onde se entra num galpão vazio e se vê o que desejar. Lá ela andou em uma ilha deserta, sentindo a brisa do mar e contemplando as gaivotas que desenhavam corações no céu. Veio MS para a sua surpresa, assim andam de mãos dadas e conversam sobre planos, sobre como será a vida das duas filhinhas, veem fotos do casamento, falam das amigas malucas de tina, e se sua própria maluquice.

CONTOS EXPERIMENTAIS

MS gosta dela, limpa areia em seu nariz empinado, diz eu te amo. Uma das amigas, a Mari, não foi planejada pelos pais na genética perfeita, assim sofre por ter corpo muito desproporcional, e é tratada com preconceito. Nunca teve namorado. Tina tem pena dela, e quase sempre acompanha na rede *Happy*, pra ver se ela perde o vício de ficar só no mundo virtual e dos sonhos. Tina já esqueceu que MS é memória do passado. Mas Mari mora com os pais e vive lendo e-books, distraída com TV 4D. As atuais TVs proporcionam sentimentos que não se vive na realidade, por exemplo, uma cena de romance em filme pode despertar sentimento de estar apaixonada. Daí muitas pessoas que nem ela vivem, e não querem sair de suas bolhas, espécies de pequenos compartimentos onde se pode quase viver plenamente. Mas Tina voltou a sentir o abraço caloroso de MS, e suas palavras em voz suave como a brisa do mar. Amar e amar, MS estava fora de sua história, que era mais de sonhar. Mas o mar se derreteu, e as coisas foram se desmanchando, e saíram do galpão, do passeio virtual.

Tina arrumava sua meia calça. Vestia os sapatos de sola vermelha. Trocava a calcinha de renda. Estava com MS que a desenhava em um papel que achou. Ela guardou o desenho. Assim eles fizeram amor na alegria do momento florido que os envolvia. Ela o teve ainda jovem, nos seus 25 anos, e

CONTOS EXPERIMENTAIS

assim não era tão maduro a ponto de controlar seus impulsos. A noite sussurrava palavras que conversavam com a satisfação. Enquanto ela estava na cama, mudava partes de seu corpo, brincando com MS. Não se pode ser fiel no futuro. Todo mundo muda de corpo e rosto a todo tempo. A tecnologia a serviço do sonho. Comeram sonho logo após. Açucarado destino póstumo de MS. Beijos mais doces, intimidades reveladas em telas. Já se descobriu aparelho que lê pensamentos. Tina misturava seu amor com atores do cinema. MS deita sua cabeça em seu colo. Tina faz carinho em seu cabelo. MS massageia os pés. Beijos se trocam na geografia corporal. Desejo normal. MS fica por horas amando Tina. Noite dorme na Lua Isis que procura Osíris no Egito da esperança.

Ela passava mal e estava enjoada. Ele cuidou dela, dedicando seu tempo ao seu cuidado. As abelhas trabalhavam as flores no jardim e perfumavam seu caminho. Jardim de alegria é Tina, que veio adornar com cores vivas a vida de MS. Depois ele fez um chá para acalmar as coisas. Cuidou também dos cães e gatos que corriam, brincando no jardim. E assim pássaros estavam em raros vôos na árvore frondosa. Cada dia conversava mais e o tempo voava enquanto crescia o ventre da vida no templo do corpo de Tina. MS sempre prestativo. Isso que é um grande homem. Sempre de

CONTOS EXPERIMENTAIS

caráter inquebrantável, ele colocava sua aposta naquele amor que tanto demorou em sua vida. Tina gostava da memória desse ser maravilhoso, que agora cuidava de sua vida. Você está bem meu benzinho? Estou sim, baby. Então você espera um pouco hoje? Sim. Eu vou comprar aquele doce que você tanto gosta. Estou reservando um banquete para que nossas bebês nasçam lindas. Elas serão que nem a mãe delas. Assim os dois divagavam em sonhos comuns e em comum. Ele cuidava da comida do gato. O gato de MS estava no colo de Tina. Na casa a empregada fazia a faxina. Agora em quarto novo, os dois já compraram o berço. Também brinquedinhos e ursinhos. MS está animado de ter filhas, pois pouca foi à presença feminina em sua vida. Assim terá um amor maravilhoso por três mulheres, à Tina e suas duas filhinhas. Brinquedos eletrônicos. Fraudas autolimpantes. Até uma robô especialista em trocar fraudas. Ela também cuida do bebê para que tenha colo à noite e chore menos. Já há até mães virtuais que cuidam de bebês. Que geração nascerá dessa tecnologia? Mas MS é puro amor, e sonhador, ele dedica muito a essa mulher que lhe trouxe a chance de namorar e casar. No passado as coisas foram piores. Salva está a nova geração desse grande homem, uma linhagem de peso na evolução humana. Um bebê real é bem melhor que um virtual. Tina se lembrava da

CONTOS EXPERIMENTAIS

namorada virtual que teve MS. Pobre rapaz, tão ingênuo a ponto de apostar naquela que não lhe deu valor. Agora tem a mim, a sua Tina e espertina.

Tina já estava de barriga. Na estrada onde passava, caminhava seu carro elétrico e havia barreiras. Reprogramou o GPS, falando com o carro. Siga o caminho alternativo. Ela pensou quando era mais nova, pois jovem ficará até mais de cem anos. E MS ficará feliz com duas filhinhas que vivem belas e jovens. Ela pensava em sua juventude, quando achava que ter namorado era tudo que importava. Primeiro namorado, depois penso em outras coisas na vida. Já lembrou de MS e sua solidão, sua fama de não ter namoradas. Chegou em casa. Bom dia casa, acenda as luzes, arruma a banheira, logo vou me banhar. Assim Tina deitou e ficou massageando o grande ventre que mundo representava. Mundo nasce em mim, o universo que contemplo na minha existência. Assim Tina imitava palavras de MS, poéticos sonhos que se realizariam um dia. Entrava na memória dele. Via a pilha de processos em seu escritório, contemplava seus raciocínios jurídicos. Juridiquês. O dia estava no início, fazer o quê? Assim via os ganhos dele, suas conquistas profissionais. Quase sempre ganhava causas. O advogado do seu coração. Novação do seu contrato de casamento. Agora tinha sua vida satisfeita, com os ideais desse homem junto aos seus. Não mais

CONTOS EXPERIMENTAIS

pensava em separação, como com querido John. Canastrão, deve estar com uma de suas muitas mulheres. Já MS tem uma só mulher, está bem com sua família nova que nasce. Na verde paisagem cantavam pássaros virtuais em paisagem sonora. A paisagem sonora é espécie de som que envolve todo o ambiente, imitando a realidade. Tina passava um óleo na barriga. Pensava no pai dessas lindas filhas. Viu elas em 4D. São lindas, parecem com o pai. E MS estava no escritório, vendo seus livros, seus filmes. Muitos filmes. De cem anos atrás. Filmes diferentes, não clássicos. Antes dramáticos. Assim ela vestia novamente sua roupa de plástico, não tão transparente. Agora casada e esperando filhas. E MS é homem honrado. Não faria tanto por outro homem. Tina ligou para amiga, e falou, e falou, e falou ... E assim passaram as horas do dia, e o dia se engoliu em palavras. MS escutava de outro quarto. Faz massagem no pescoço de MS, ele hoje está com torcicolo. Precisa de colo. Quase sempre precisa. Nunca vi um homem tão carente. Ele sempre dizia, na minha vida já esperei demais, tudo faremos hoje. Então ela estava feliz, pois sem planos as coisas aconteciam. Fazer planos é um porre, nunca deu certo. Então os dois agora dividiam algo certo, não apenas planejado. Um grande amor surgiu justamente quando não mais interessava qualquer coisa. Tarde demais, cem anos depois. MS e sua

CONTOS EXPERIMENTAIS

alma estavam ali, esperando filhas lindas, loirinhas, segundo seu DNA. Desejava muito ser pai. Ele muito atencioso. Como pode um homem assim ser tão pouco prestigiado? Cada tempo tem seus erros, e ainda bem que no futuro as pessoas são já traduzidas no DNA e têm suas qualidades à mostra, para que todos vejam e contemplem. Quase sempre as pessoas se aproveitaram de MS, e Tina via isso com olhos mais imparciais.

As amigas de Tina falavam dela e de MS: sabe amiga, a Tina esta maluca em gostar desse cara virtual. Ela antes estava bem com John e agora entre nessa parada. Pois é. Ta ligado. O que foi? Eu também saí com John. Ele é musculoso. Você gostou? Eu achei mais ou menos. E o MS? Não acho nada. E você o que acha? Eu também não gostei. E você mana? Não faz o meu tipo. Assim falavam de MS e de Tina. A Tina ia reproduzir MS em corpo e alma, com impressora 3D. Elas assim diziam: O que você acha dela fazer isso? Não sei amiga, parece que ela gosta dele. Gosto não se discute. Tomara que não consiga. Ele é feio. Sei lá - ta ligado. Às vezes a mulher quer e não importa se o cara tem genética imperfeita. Hoje ainda bem que homens têm barriga tanquinho e são musculosos. Mas você concorda que esses caras parecidos com atores americanos são sem graça? Já enjoei dos italianos. A Tina queria um homem diferente - ta ligado. Eu vou fazer as

CONTOS EXPERIMENTAIS

unhas hoje. Eu vou mudar cor de cabelo. Eu também, farei *tattoo* no cóccix. Eu me depilarei. E esse MS até que tem qualidades. Você ta maluca! Parece a Tina.

O tempo estava seco, sólido deserto sem chuva. Sem chave para as portas da oportunidade. Assim Tina ouvia as amigas falando do namorado de Susi. Então de repente chega Susi, de surpresa. Ela portuguesa. Assim falaram do ocorrido e Susi afirma: ele não me traiu, apenas fez sexo com outra mulher. Assim falavam nessa dinâmica da juventude masculina de alguns homens. De alguns totens. Estátuas fálicas desejadas por mulheres. Se ela fosse mais célere na mente, certamente não se sujeitaria a isso. Tina tem bom marido, mesmo que ainda por ser construído em impressora. Nona hora. E sexta-feira. Tina ouve fofoca de Keila. Ela namora dois homens ao mesmo tempo. O futuro é diferente. Menos regras no amor. Sem dor, sem flor. Já foi o tempo de MS. Dos versos escritos em cartas de amor. Doidera. Hoje normal trair e ser traído. E decaído. Ainda com a tecnologia as coisas ficam mais abertas. Todas as relações assim ficaram. Amam-se mais máquinas que humanos. E Tina preferiu amor antigo. Homem cavaleiro e cavalheiro. Flores por toda a vida e amor que se revela. Tina estava estressada. Logo nasceria sua

CONTOS EXPERIMENTAIS

amada. Pois uma filha se ama, outra faz papel de Cain. Sempre assim, pensava em sua crise.

O robô Tox 22 falava com Tina, tentando fazer uma análise psicológica de sua amiga Bianca, que sofria por problema emocional com namorado. Ela sofre certamente de baixa auto-estima. Não percebe que na dinâmica sexual dos animais e seres humanos há a regra da seleção sexual. Machos procuram quantidade e fêmeas selecionam e escolhem a qualidade. Nessa dinâmica de corte, ambos constroem uma série de jogos de conquista para reproduzir. O pavão demonstra sua colorida cauda. Os pássaros dançam e assim os machos tentam conquistar. Sua amiga Bianca não percebe que se fez muito fácil e tomou o lugar masculino. Ela devia colocar outros machos em competição para que ele visse o valor dela. Assim a corte colocaria a posição fêmea de óvulo em busca da qualidade espermática prova. E sua autoestima melhoraria se também tomasse o papel de sedutora. Os seres humanos-machos gostam de roupas semi-vestidas onde sentem excitação com o olhar. Use dessa estratégia e verás que pode. Assim os robôs treinados para sexo sabem disso e conquistam animais humanos machos e fêmeas. Para tanto, a Tina mandou o robô animar a amiga... Vestido com a aparência de seu namorado.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Tina se distraía com seu robô pré-natal e assim estava com a memória de MS arquivada em seu grampo de cabelo, que se trata de um computador. Não tinha por descuido feito outra cópia dessa memória, nem senha de acesso. Assim ocorreu de perder o grampo e não o achar. Essa burrice a fez voltar por um tempo que e a chatice de não ter MS para amar. Assim a memória de MS foi achada por uma dançarina chamada Enna. E esta logo que descobriu se tratar de um jovem rapaz planejou o levar para cama. A memória que Tina tem de MS foi conquistada graças ao seu emprego. Tornam-se raras essas lembranças arquivadas. Assim Enna tirou a roupa e colocou o grampo de cabelo, chamando MS a sua companhia. Ele não tinha controle, pois a memória sem um corpo em 3D e impresso, não tem muita independência. Logo agora que Tina previa o recriar. Enna fez amor com MS. Ele e seus encantos de massagista, e, cheio de palavras apaixonadas, passou se entretendo com a sensual Enna, que havia nascido com genética perfeita. Ela um tanto loira de olhos claros e nariz pequeno e arrebitado. MS estava assim perdido. Ela acordou e andou com o grampo de cabelo, que com ventania se perdeu. Gina achou o grampo e colocou em seus cabelos crespos... Se enamorando de MS.

Tina estava procurando seu marido. Gina estava com grampo no cabelo, com MS na cabeça.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Não podia tirar MS de sua mente. Esse nanocomputador em forma de grampo de cabelo. Assim desligou os robôs e foi preparar uma noite romântica pra MS. Velas acesas, incensos, camas e locais macios para rolar com ele. Para tanto, pediu que a escrevesse e lesse uma carta de amor e se declarasse. MS tem memória passiva, não se controla. Assim ele a lê e recita versos. Gina chora e chama-o para o banho. MS tem mãos ágeis e rápidas e ensaboa Gina. Ela percebe suas qualidades mais ocultas... Ele desvenda o coração de Gina. O chuveiro não suporta... Horas de amor... Acaba a energia solar. Ela se surpreende com MS. Esse homem antigo e viril, quase das cavernas, do início do século 21. Gina dorme cansada pelo fogo de MS. Uma faxineira robô leva o lençol e junto vai o grampo. Na rua o vento leva o grampo e Jane, uma mulata, o acha...

O grampo onde está a memória de MS acabou na cabeça da mulata. O que essa memória fazia na cabeça dessas mulheres? Assim a mulata era mulher que tinha seus robôs de amor, seus vibradores e pílulas de prazer. Com MS teve duradouros momentos de prazer. Lazer. Fazer amor. De toda a cor do arco-íris. E ela mulher grande e ele também têm suas qualidades. A imagem se distorcia. Orgasmos invadiam confusos a realidade que se diluía. Tina tinha acordado desse

CONTOS EXPERIMENTAIS

pesadelo. Onde MS havia parado na posse dessas que para ela são piriguetes? Chamou MS e ele veio como sempre, com seus versos e com a memória que pertence ao coração de Tina. Que bom, foi só um pesadelo. Nunca ela teve sonho tão longo. E nunca mais quer ter. Não sabe se era a fantasia de MS que ali agia. Chamou os robôs e conversou com um. MS estava no banho, pois cuidava do jardim e dos animais. Cães e gatos. Tina estava já de sete meses. Logo iriam nascer as duas meninas. Amor que não acaba, somente fantasia. Um MS usado daquela forma. Ele agora trazia flores e falava palavras bonitas. Teamo.

Amada Tina. Escrevo-te porque poucas palavras não podem exprimir o grande amor que sinto por você. Desde que te vi pela primeira vez, me apaixonei por você. Foi um momento único, e cada momento contigo é único e infinito. Seus beijos são agora as flores que adornam o jardim da minha vida. Agora você espera o fruto do nosso amor, pois meu sonho era também gerar amor que vive, anda e fala, e chama de papai. Quando vem uma dificuldade na vida, agora sei que tenho a tua fortaleza, e cada momento contigo é pra mim um reinado, feudo de carinho. Lembro do maior presente que você me deu nessa vida, que é você mesma. Já planejamos tantas coisas. Sei que tudo dará certo, que agora que temos nosso lar, onde

CONTOS EXPERIMENTAIS

músicas românticas ambientam e perfumes aromáticos nos cobrem, como um templo de divindade venusiana, nada faltará. Minha Tina, sei que o poder que nos uniu é muito forte, e que nada poderá nos separar sem antes desafiar as leis cósmicas. Desde que fomos passear no espaço, coloco as estrelas como a tua morada, e minha também, e assim a nave nos leva aos confins ilimitados do universo. Quase sempre gosto de ficar abraçadinho contigo, acho que assim renasço, tenho o calor da tua vivacidade e o brio do teu ser. Por tua causa sou melhor homem, sou mesmo um grande homem. Meu amor, às vezes quando fico sem você nas semanas que o trabalho te exigiu muito tempo, confesso que chorei de saudades, que nem todas essas distrações tecnológicas podem te compensar a ausência. Nem esses robôs de nosso tempo, nem nada pode frutificar meu coração, só você até hoje conseguiu isso. Talvez foi porque você foi a única que me amou na realidade. Agora que meus olhos verdes amadureceram, posso olhar a silueta do teu corpo, sempre que desejo sonhar na noite que antes era mais escura. Agora à noite tenho um sonho maior, tenho a tua companhia mais que agradável e singular. Eu te amo no passado, no presente e no futuro. Antes eu não tinha valores nas mãos, agora tenho as suas sempre entrelaçadas, abraçando meus dedos de pianista. Nem Chopin imaginava uma

CONTOS EXPERIMENTAIS

sinfonia como a nossa união. Por isso todo dia te digo eu te amo, porque não sei mais dizer outra coisa, e porque meu coração fala, não mais a minha boca. Também minhas pernas são mais fortes, mais ousadas a caminhar na estrada da vida, porque agora tenho você me iluminando, como anjo de asas esplendorosas. Seus olhos são sóis e luas cheias construindo o tempo, seus cabelos longos fios do céu costurando minha felicidade. E nossas duas filhas que estão para nascer me alegram tanto, sou outro homem, te agradeço muito por me dar essa dádiva. O milagre do teu ventre aguarda a árvore da vida, árvore de doces frutos, de bênção eterna. Mas meu amor, no mais essa carta foi mais uma confissão minha, dentre tantas, às vezes silenciosas, por cuidar de ti e te proteger, frente esse mundo de máquinas e computadores. Pois sei que seu coração é que nem o meu, cheio de amor que não se corrompe, e que cada dia mais desejo mais um dia, e agora eterna juventude. Encerro escrevendo com as batidas do sino de meu coração, que bate no alto de uma torre sacrossanta, para tu que mudou minha vida. De seu amado MS. Da cidade de Futurópolis, Setembro do ano de 2112.

Tina arrumava os cabelos em permanente. Voltava aos anos 80, para passar com MS sua infância. Ela queria conhecer esse menino, bem como seu mundo de formação. Sentiu-se

CONTOS EXPERIMENTAIS

acomodada na casa dele, nos passeios a casa de seus avós, na família que naquele tempo ainda se reunia em Natal. Andava de mãos dadas com ele, feito sua prima na infância. Significância. Subia em árvores, comia doces frutos quando ainda nasciam em árvores. Hoje frutas são fabricadas em laboratório, e quase sempre estão nos sabores das rações humanas, que são o alimento mais disponível. O que era natural acabou sucumbindo com aquecimento global. Mas nos anos 80 MS tentava instalar um computador na TV, pois na época era assim que acontecia. E tinha quase que ser um programador para se instalar esses aparelhos. Jogos feito Atari divertiam MS e Tina, naquela inocência que o amor constrói antes da rotina do mundo adulto. Sem insulto, ambos conviviam juntos e acabaram dando selinho. Primeiro amor, amor que subia em árvore, que brincava de carrinho ou casinha. Quem era essa Ketlin? Bons tempos aqueles que ainda não estavam tomados pela tecnologia. Aparelhos grandes e pesados. MS ouvia a vitrola na sua sala, aprendia a operar o equipamento metalizado. A agulha às vezes pulava, mas no geral o som era bom do LP. Também as fitas K7 tocavam no toca-fitas do carro. Às vezes falhava o carburador, precisava de oficina o seu quadrado automóvel. Tina olhava isso tudo com curiosidade, pois na escola virtual, na matéria de história da tecnologia, aprendeu que os anos 80 foi

CONTOS EXPERIMENTAIS

o gérmen de tudo que surgiu. Ela brincava de casinha com MS, tinha um marido bem atencioso. Muita mata, o verde dividia a paisagem urbana. Tina ainda de pijama, brincava em pula-pula e colecionava figuras de Moranguinhos Carinhosos. MS andava de skate e “rolemã”, joga “bets” na rua e brincava de polícia e ladrão. Em árvores subia, na mata adentrava, um tempo quase de escoteiro. Tina se aventurava, sentia a alegria daquele menino. As pessoas ainda respeitavam o casamento, a famílias tinham certa liga. Tina gostava disso, talvez MS teria sido filho dessa época. MS a convidou para ver um filme, mas antes tinha de rebobinar a fita. VHS era seu videocassete. Deste modo viram aquele filme de dança engraçada, e ficaram vermelhos ao ver cena de beijo do casal. A TV pegava mal, precisava mudar a antena de lugar. Tina estava com coração ao luar, vendo esse menino sonhador crescendo em seu ser. Dinheiro era Cruzado, e não havia tanta cruz, uma vida mais leve. De BMX, andavam de bike, eles estavam livres com o vento. Tina brincava sem medo pelas ruas, não havia violência na cidade pequena. Na TV, Bozo e Topo-Gigio cantavam alegria e quase sempre as crianças eram educadas na palmada. MS não recebeu palmada, e mesmo assim foi bem educado. Tempo é tempo e cada erro é substituído. Namoravam muito tarde, tudo proibido. Tina observava esse tempo. Forte

CONTOS EXPERIMENTAIS

influência da religião. Hoje há tantas, até culto de extraterrestres. Mas na época era somente aquela. Propaganda de achocolatado por todo o lado, e o que tem isso a ver com esportes? Geração assim mesmo sem obesos. Crianças mais ativas, sem computadores e videogames. Muita brincadeira ao ar livre, na floresta, nos jardins, na calmaria. Super-herói japonês imitado pelos meninos. MS é quase um ninja. MS com amigos mais velhos, bem esperto, ouvia palavrões. Não falava, mas quase sempre se animava em esportes com seu amigo ginasta. *Walkman* enrolava a fita, e faltava pilha, além de ser pesado. Michael dançava *Moonwalker* e cada dia as coisas novas surgiam, para além das regras e da moral. Crianças viam coisas sensuais na TV sem censura. Tempo de liberdade, diversidade, diversidade. Mulheres começavam a trabalhar fora. Também dentro, e tudo estava construído para um novo tempo. Ainda fumavam, e como fumavam. Tempo de fumaça, evaporava a saúde. Tina amava cada vez mais MS, sabendo que ele sonhava ser herói, e que cada dia evitava qualquer maldade. Agora estudavam “Moral e cívica” nas escolas. Moda também colégio de freiras. E cada tempo tem suas ocorrências. Prima de MS engravida na adolescência. Casa cedo. E mudam os games eletrônicos, surgem computadores melhores, combate o príncipe da Pérsia, sobe muros e paredes.

CONTOS EXPERIMENTAIS

MS é meu príncipe, disse Tina. E também um teste de direção corre no computador, ainda de tela verde. Curso de informática sem mouse, isso ninguém imagina. Chicletes de fazer bola na boca. Na casa de amigos, MS brincava de autorama e pingue-pongue. O pai de MS brincava muito com ele e jogavam futebol. MS mudava de casa, se despedia de amigos, teria de fazer vida nova. Arrumando brinquedos e coisas para a alteração de residência. Tina sentia o clima de mudança no ar, e a pulsação do pêndulo do coração de MS: Um coração tão vivo, tão lindo, fortaleza da vida, templo da alma.

Horário reservado a campanha eleitoral. Meus amigos e minhas amigas. Me chamo João falastrão e peço o seu voto. Estou interessado em viver com o dinheiro dos seus impostos. Quero enriquecer na política e arrumar cargos a familiares. Preciso cumprir com favores políticos e sustentar o meu partido. Minha gente, sabemos que não há partidos, que todos procuram viver na teta e permanecer no poder. Vote em mim, pois te esquecerei e você será apenas um número. Prometo mil coisas que não poderei cumprir e desviarei verbas quando puder. Não mais siga os candidatos mentirosos, procure a verdade. Sou um analfabeto e você me elegerá. Já menti bastante para me eleger. Vote em mim. Preciso empregar os desocupados dos meus amigos. Obrigado. Pela mudança que nunca

CONTOS EXPERIMENTAIS

mudará. Vote 666.666. Assim Tina estava dormindo no ombro de MS... E ele acariciava seus cabelos e beijava sua cabeça.

Eles estão lutando por seus direitos à intimidade. Agora se defende mais do que a liberdade, mas sim a relação aberta. Nesse sentido varias pessoas não tem muito vinculo, e para os outros seriam adeptos da traição. Apesar de aqueles que fazem amor com robôs também de certo modo traem. Mesmo os que trocam de aparência pela tecnologia 4D. Tina tem amigas que defendem a relação aberta e a liberdade das mulheres. Estranho que em época de transgêneros há alguém que fale ainda em homem e mulher. Não há mais limite para os fetiches humanos. Na rede Happy as pessoas festejam dias sem parar e quase sempre se apaixonam por ilusões. Isso seria bom se fosse físico, mas e quase totalmente mental. Obesos se multiplicam. Já são 80% da população. Mas todos eram antes programados na genética perfeita, e não calcularam que os exercícios físicos eram obrigatórios para corpos perfeitos. Defeitos se multiplicaram. E com remédios se pensam em se multiplicar, replicar. MS estava nos planos de Tina. A impressora 3D logo criaria com o DNA dele um novo corpo, novo homem. Para renascer MS te de usar armadura por 9 meses. Coração engaiolado.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Respiração metalizada. MS assim precisa receber leite. Tina cuida dele, com todo o amor, descascando sua armadura emocional. Ele é um homem que está aprendendo a amar, ou que finalmente encontra no mundo alguma consideração. Já se passaram 3 meses desde que ele foi replicado pelo DNA. MS quase falava, mas apenas um eco se ouvia de desejos em relação à Tina, desejos divididos por um muro de metal, entre um mundo ocidental e um oriental. Letal destino para quem não se adapta. Ele supera, e cada dia está mais humano. Melhor que um robô, que apesar de por fora ser igual as pessoas, por dentro não tem alma. Já MS tem alma maravilhosa por dentro e é visto como um vilão por fora. Armadura de metal, sem toques, sem *loves*... MS começa a caminhar, e assim se houve a marcha para a vida que ecoa no lar de Tina. Ela tenta tocar em MS, mas ele intocável, é apenas frio minério, aço que traspassa corações. Trapaça é não nascer completo. Um Osíris parece, sem sua porção ainda masculina. Tudo irá funcionar quando armadura tirar. Por enquanto Tina ouve apenas rugir a respiração pela máscara que usa MS. Os olhos negros dele são como tubarões que devoram a vida. Lida diariamente com esse mundo que nasceu em seu peito. Ah mundo desabitado, peito órfão de jardim semi-florido. Querido, você já trocou as fraudas? Tudo resolvido por robôs, por

CONTOS EXPERIMENTAIS

tecnologias, por mundos virtuais e anestésias. Alegrias estavam fechadas por uma máscara. Escondido destino, alma engaiolada. Ela mesmo assim pegava nas longas mãos de alquimia projetadas de MS e lhe falava eu te amo. Ele ainda não compreendia, ou não falava, era apenas alguém que chorava, e sorria, e usava fraude. Mas agora renascia, verdadeiro, em carne e osso, em sangue e dorso. Ainda que um ainda fosse o máximo possível, Tina exigia esperança, que florescia sua vontade. Ela de cabelo sem tintura, agora quase no parto, um segundo parto, a das filhas de MS. Exame pré-natal já revelava elas em 4D, já sentia o calor humano Tina. E MS frio, aquecido que nem um astronauta, vivendo entre mundo interno e externo, compacto sentimento. Vento frio trafega pela automotiva pele de MS, assoviando feito carro elétrico de corrida. Ele tem entretenimentos em sua escola interna, a armadura ensina a viver. Tina é mãe duas vezes. Agora está perto de passar por mais um parto, combina horário com robôs. Tomara o DNA de MS seja bom mesmo. O mundo antes controlador agora se rende ao mais puro amor. Reduzida dor, robôs são cautelosos e a tecnologia ajuda. Tina está já em hospital espacial. Descobriu-se que em gravidade zero o parto se dá em melhores condições, isso em 2080. MS tentava compreender o incompreensível, divina mulher no parto da vida. Assim levado foi por

CONTOS EXPERIMENTAIS

robôs para acompanhar sua esposa. Suas filhas nascidas do futuro, seu destino construído com ternura. Apenas sêmen, e ainda essência divina. Tina já esperava com ansiedade. Chorava, sorria, era toda amabilidade. Ela sem idade, ele já nascendo maduro, casal medievo, ele com armadura, ela na plena fé da vida eterna. Nasce primeiro uma, depois outra, e sorriso de tina se mistura a lágrima, e supersentimento se traduz em sua hora magna. Lindas meninas nascem fortes e saudáveis, MS quase compreende, e chora por dentro de sua armadura, sem demonstrar. Uma se chama Ketlin, e outra Celestine, ambas amadas, fruto do destino traçado de MS e Tina. Logo um chip colocado em seus pulsos e elas seriam reconhecidas pelo governo mundial. Uma linda demais e outra trilegal, uma a cara da mãe, e outra a cara daquele sensacional, MS. Ele as pega no colo, como um herói, um gigante segurando a vida pequena e frágil em suas mãos poderosas.

Tecnologia falhando. MS já passou pela fase mineral e vegetal de seu ser, agora estava em fase animal. No mundo cibernético eram satisfeitos instintos e apetites, tudo era equilibrado. Tina observava aquele mundo especial que fluía de continente a continente, *big bang* de tempestade. Música flameja nos ouvidos de fogo, som de vozes doces vibram na alma de MS. Um robô conversa

CONTOS EXPERIMENTAIS

sobre lógica. A não é A, B então deve ser B. Pessoas compram tênis refrigerado, games em 4D, TVs especiais que funcionam na água, trocam de rosto. Ninguém é ninguém, todos fingem ser o que não são. Esse é o presente, 2112, compra-se presente para viver, se vive embalado. Armaduras recriam seres que reinventados são pela esperança. Flores de plástico enfeitam as cidades de acrílico e metal, carros elétricos trafegam silenciosos pela megalópole de diversões. Tribos não passam mais fome, a cor das pessoas já não é mais a mesma. Lesma trafega em nave espacial, morre asfixiada pelo orgulho humano. Rápida vida que não envelhece, maquiagem de emoções nunca experimentadas. Cadeiras em bolhas, pessoas vivendo em si mesmas. Auto-amor como toda a forma de amor, novas formas de sexualidade. O casamento, um mito das antigas idades, e as pessoas prostituem sua vontade. Equipamento falha, o mundo para. Pessoas conectadas ao nascerem, bebês com chips, sem os quais não podem comprar ou vender. Apocalipse de humanidade, sem emoção, sem alegria, sem nada real. Violência abunda onde não existe lei, *western* do futuro. Memória sem fundo, poço sem luz, fim de túnel onde se choca o trem da vida. Sistemas de som e imagem: tudo no humano se resume a isso, em eletrodos na cabeça, em inteligência artificial. MS acaricia cães para

CONTOS EXPERIMENTAIS

desenvolver sua emoção, pois as pessoas perderam seu afeto. Pós-modernidade engolida em consumismo, em vender e ser vendido. Todos têm seu valor, tudo se perdeu, as pessoas venderam suas almas. Tina deixa as meninas nas mãos de MS, dança com hologramas, dançarina de alegria. Cada dia é um novo passo para a coreografia da família que nasce. As loirinhas estão com poucos cabelos na cabeça, e nenhum perigo correm nas mãos puras de seu pai. Casto pai, filho de Maria, mãe do Escolhido, nome escrito na paternidade da providência. Carinhoso ser embalado em armadura, homem que cresce no amor. Não há nada melhor que amar o que já nasceu do amor. Duas vezes amor, flor cheirada duas vezes, raiz eterna de carinho. E gestos já denunciavam um MS que está pra nascer, sonho de Tina. Um salvador nesse tempo de frieza, e um grande homem. MS aprendeu a escrever, escreveu a vida, passa assim as horas nas quais não ama Ketlin, Celestine ou Tina. Um dono de casa, cozinha doces e salgados. Sabores sem igual, passeia pelo tempo, temperando a temperança. Sonho realizado, lágrimas que no rosto escrevem as linhas da satisfação. Na rua de vidro é visto com as duas crianças no colo, refletindo futuro e passado.

CONTOS EXPERIMENTAIS

MS estava para nascer, retirar sua armadura de metal. Assim ele deveria em seu mundo interno escolher entre nascer ou não, bem como lhe vieram todas as lembranças de sua vida real passada, ou efeito colateral da replicância. Implicante, MS chorava internamente e não desejava nascer. Ser ou não ser? Eis a obrigação. Sensação é toda a coisa que se deseja sentir. Nem sempre a realidade está perto do que se sonhou. Mundo de carne devorado por dificuldades, e idades, mesmo agora não mais sendo necessário envelhecer. Robôs tentavam estimular MS a viver, a caminhar a fim de que sua armadura se desprendesse. Sorte suas filhinas estarem por perto, o motivo de sua vida, a alegria de seu destino. Foi por isso que MS ainda pensava na possibilidade de nascer. O motivo é que em vida passada, o tal cavaleiro da armadura negra foi ignorado pelas mulheres, e não seria por nenhuma que ele nasceria, comparando as tais experiências. Uma grande festa o aguardava. E Tina sabia disso tudo, por isso que observou o nascimento de MS após 9 meses de sua replicação. Muita dor e estava um corpo em sentido fetal deitado no chão. Anão era na imagem observada pelos lindos olhos de Tina. Em um zoom e na câmera certa ela pode ver o rosto do homem que conheceu em amor à primeira vista. Ele ficaria uns dias até se adaptar com a luz, com seus olhos, com seu corpo. Sem fome, sem

CONTOS EXPERIMENTAIS

sede, sem desejos. MS assim nasceu nessa armadura do mundo, do mundo que o regurgitou no ventre da rejeição. Sorte suas duas pequenas filhas o acariciarem, como meninas acariciando um filhote de leão. Tina ficou com medo de vê-lo de início, assim deixando suas filhas acompanharem aquele homem que antes era um metálico ser. Querer até ela queria, mas sabia da sorte ruim dele com a vida e relacionamento. Uma nova vida e ela curaria isso, era a sua missão. MS nasceu mais jovem do que o esperado, parecia ter 25 anos, pleno de sua vida física e mental. Já Tina conservava sua aparência dos 18 anos. Nunca viveu isso MS em vida, onde o trabalho ocupava a oportunidade e onde seus livros acabavam em raras prateleiras. Que nem freira vivia Tina nesse período. E quem fazia mais isso, nunca fizeram nada por ele. Quem é esse homem ignorado ao seu tempo? Por que não atraía? Será que era considerado feio? A Tina se perguntava e o amava, e o amava. Lavava as mãos, o rosto, para não contaminar esse ser frágil que nascia, esse coração de isopor que adornava um peito de papel crepom. MS não a conhecia, em olhares calados e distâncias ela o percebia como o mesmo, e a desconhecia, ele na armadura não via, a não serem vapores e alegrias que imaginava existirem. Logo vinha a sua memória uma daquelas mulheres que o descartou, ou aquela juventude que perdeu. MS estava tão anestesiado

CONTOS EXPERIMENTAIS

por essas dores em sua alma que Tina falava com ele, ele ficava calado, não mais tinha o equipamento da armadura. Vieram as meninas e o cão holográfico, e MS reagiu, andou com elas, foram, para um parque próximo, de paredes verdes formadas em alta resolução. Amigos de Tina bebiam refrigerantes sabor cerveja e mascavam goma sabor churrasco, e todos estavam bem. Ela cheia de esperança, falava que ele a tinha olhado profundamente. E tinha mente, pensava, trocava atos com as filhas. Brincavam no parque virtual. Tina preparava a mudança. A casa de acrílico enjoou, e ela queria voltar a natureza com seu homem real. Nunca ninguém fez tanto por ele, como mulher, e ela assim arrumava as coisas para que tudo seguisse um novo rumo. As grandes mãos de MS ajudavam a carregar coisas, ele não falava, mas gestos de seu rosto indicavam um bem estar. Para ela isso já era um bom começo. Juntava equipamentos de 4D, outros de imagem de água, nanocomputadores e nanorrobôs medicinais. MS experimentava uns nanorrobôs anestésicos, que corriam pela sua corrente sanguínea. Faziam F1 em seu corpo, e ele sorria. MS gostava de robôs, já que as pessoas não lhe viam com bons olhos. Nasceu um grande homem, povoou a terra um grande coração. MS já fazia atos de boa ação. Tina marcou uma viagem espacial para ele ir sozinho, e planejava uma

CONTOS EXPERIMENTAIS

lua-de-mel em nave. Sabia que MS em vida fantasiava isso com uma mulher, e em meio as suas mil fantasias. Só fantasias, ele antecipava o futuro. Tina o admirava muito, seu caráter, sua honestidade. Raros homens são assim, e quase sempre foram na história pregados numa cruz. MS não seria diferente. Ela o tinha em mente, Tina o tinha sempre na lente. E observava feito “grande irmão” cada ato do homem que acabava de nascer sob seu desejo.

MS lembrava do jeito que foi tratado. Sentia-se triste por ser visto como mentiroso, quando lutou ao máximo por ser defensor da verdade. Só a memória da natureza, que não mente, poderia confirmar a vida atribulada de MS. Tina acredita nele, ouve suas mágoas, ele com poucas palavras. Ela o levaria a um cruzeiro de dirigível, pra passear. Feito em Titanic, passeariam levados serenamente pelo sopro dos ventos. No dirigível uma orquestra tocava músicas clássicas. Tina segurava na mão de MS, fazia-lhe carinhos aos poucos, uma vez que ele nasceu em grande dor, lembrando ainda de grandes dores do passado. Apesar de ter sido um homem bem sucedido ao seu tempo. Piano tocava namorando com um violino. E o eco da emoção cobria todo o espaço dourado e iluminado, onde estavam se aninhando Tina e MS. O rosto jovial da loura Tina sorria em meio a seu nariz arrebitado e pequeno,

CONTOS EXPERIMENTAIS

princesca companhia. MS tentava sorrir, desacostumado. Amado e mal amado, ele era presente e passado. Navegando assim no azul do céu, os olhos azuis de MS brilhavam contornando um mundo novo. A mudança o tinha feito bem. Tina o levou para uma casa onde havia lago cristalino, flores e pássaros a cantar, e Tina a amar. O mar do céu estava calmo, ventania não se encontrava. Primavera era sentida em perfumes e contemplações. Adulações. O peito de MS doía por falta de amor. Calor pousava nesse ser emergido do ovo tecnológico. Umhas naves passavam voando ao lado do dirigível. Ao longe passava um ônibus espacial. O céu se vestia de multicolorido, feito o longo vestido de Tina. Ela querida, e querendo abraçar MS. Ele pensava nas meninas, onde estavam, se bem cuidadas. Ligadas, elas gêmeas vestiam o mesmo signo, dividiam estrelas do céu por onde passavam. As lourinhas sentiam saudades do pai. O papi vai voltar logo? Não sei mana, acho que ele vai demorara, foi passear com mami. Vamo brincá, até que voltem. Venha, traga a tua boneca. Agora não, passa o desenho. Quero brincar de massinha. Eu não, quero brincar com a TV de água. Assim as duas passavam o tempo ao aguardar o querido paizão. Meu amor, você está feliz? Oi, estou muito. E MS não falava muito mais ao ser questionado pelo doce sussurro de Tina. Ela

CONTOS EXPERIMENTAIS

lembrava da filosofia dele, de viver todos os carinhos, sentimentalismo filosófico. Assim abraçava, calor humano tão raro em tempos hipertecnológicos. Trágicos. Cada dia era uma eternidade, cada eternidade uma castidade, cada alegria era sempiterna. Terna Tina era carinho vestido em pessoa. Noite engolia o Sol e o dirigível parava, sendo levado pela brisa. Gigantesco objeto flutuante, adorado por MS. Ele grudado em Tina, ela esperando período de maturação de seus órgãos. MS sofria às vezes, tudo em fase de desenvolvimento. Não poderia se alimentar muito, nem forçar o corpo. Ela cuidava para que ele não excedesse. Tina ansiosa pela primeira noite com ele. Mas seria essa em nave espacial, e especial. Por enquanto seguraria e ele é muito controlado. Costume, legume que não era desfrutado. Recrutado pelo destino, MS cumpria sua missão, batalha pela vida. Não se pode quebrar a rotina de décadas de uma hora pra outra. Tudo estava adormecido, MS hibernava em sua masculinidade. Nunca antes muito valorada, nem estimulada. Luta com adversário holográfico, soqueia, chuta, MS é observado por ela, curiosa e desejosa. Ela pegajosa, mas ele adora. Forte, ele se desenvolve, renasce, em corpo que se fortalece. Fortaleza de emoção. Amor, me beija... Assim ele sentiu a unidade de todas as coisas nos braços da mulher de seus sonhos. Agora

CONTOS EXPERIMENTAIS

piano tocava Beethoven e as estrelas falavam ao luar, comunicavam o extraordinário. Milagres acontecem. MS amando e namorando. Tambores quebravam esse ritmo: Stravinsky dizia presente ao repertório. Parece tubarão essa música, sorria ela ao estar quase sem ar nos braços dele. Engolida estava nos dentes do amor. Sagrada primavera, venha cobrir com flores os passos de Vênus! Que ela reine em todas as coisas de agora em diante. Assim MS navegava dormindo no colo dela, tendo seus ralos cabelos acariciados pelas pequenas e macias mãos. Robôs entregavam bebidas adocicadas, que evaporavam na boca. E a orquestra continuava louca. O dirigível anunciava que era hora de repousar, para quem estava em seu exterior. As baladas envolveriam a noite. MS e Tina iam dormir de conchinha. Ela Vênus de nascer do mar, de uma concha. Zéfiro vento assoprava, a maçã estava em gosto em sua boca que repousava, de tanto falar. Ele dormia sereno, querido e fofo. Ela pensava e acariciava as pernas dele. Tudo estava certo, confirmado. As paredes representavam o mar que se movia e chiava. Espumas do mar, ondas de carinhos. Tina mergulhava em sonhos realizados. MS é um grande realizador de sonhos. Sonhador profissional.

MS estava com Tina e na nave voava em seus olhos. Dia e noite lindos quando unidos em abraços.

CONTOS EXPERIMENTAIS

MS iria ter a sua primeira noite de amor. A nave flutuava e sua paixão fazia voar seu coração. Mesmo que fosse alemão, era sempre do mundo cidadão naquela altitude. Avião espacial voava nesse momento especial e Tina trocava carícias com ele e tudo se diluía em sentimentos elevados. Ele estava mais forte, praticava guerra virtual., era tenente MS. De farda ainda estava, e ela de vestido romântico. Ambos demoravam em momentos eternos, e robôs vigiavam a condução segura da nave. Olhando o luar mais de perto e as estrelas maiores, ambos brilhavam em seus olhos o amor que nascia real. Nada mais virtual os envolvia, cada momento seria de felicidade. E MS é um cara muito especial, ele trouxe nova vida pra Tina. Passavam foguetes, e nus eles flutuavam no jardim do seu abraço. Laço eterno, casamento de corpos voluptuosos. MS e Tina se encontravam, ela que antes estava com fogo na alma, ele com gelo no corpo, mas ambos se equilibravam nos seus mundos. Eu te amo. Se ouvia quase sempre essas palavras raras e endeusadas, aladas palavras. Voaram assim de passado a futuro, e tudo se tornou sonho realizado, tudo floriu momentos de satisfação. Perfeição se escrevia nas estrelas, e linhas eram cometas. MS e Tina, pra sempre unidos.

ANIMOLÂNDIA DO SUL

Era uma vez uma cidade muito incomum, onde as coisas mais fantásticas aconteciam, e o tempo durava a eternidade para passar. Vivem nessa, seis personagens muito curiosos: a Cobra, o Porco, a Galinha, o Gavião, o Quero-quero e o Cão. Vizinhos na mesma rua, amigos, inimigos, um pouco de toda a natureza instintiva traduzida nesse encanto, que é a cidade chamada Animolândia do Sul. Ainda que eu pudesse contar tudo o que acontece nessa cidade, faltariam páginas e gastaríamos a pilha de nossos relógios tentando lembrar dos mínimos detalhes. E que detalhes.

Mas Animolândia do Sul não é cidade nem pequena nem grande, estando situada entre quatro marcos, estes feitos pelos tatus, que cavaram os rios que cercam os limites e divisas dessa cidade. Nela vivem toda a sorte de animais fantásticos. Uns com garras, outros astutos, outros especialistas em atrair a presa e assim por diante. As casas, ou melhor, os ninhos e tocas, são construídos de acordo com o tamanho do nome do animal. Não preciso falar que o Cão tinha uma das mais singelas moradas. Já a

CONTOS EXPERIMENTAIS

Galinha coleciona muitos cômodos inúteis numa mansão que apenas tem para receber visitas e fazer festas. Já vi gente saindo três dias depois dessas festas feitas pela Galinha... Mas cada um tem seu ninho, uns até acima de morros altos, como o Gavião, onde tem a maior biblioteca que a sabedoria humana já conseguiu conquistar. Imagina, aqueles lugares com cheiro de mofo, livros empoeirados, de história mentirosa, mitos e fábulas. Mas Animolândia do Sul ainda não tem cracolândia, por sorte de todos os animais.

Mas a rua onde moram nossos seis personagens queridos, mas ainda não tão conhecidos, é chamada de Rua da Paz Perpétua. Longe de traduzir a realidade, lá ocorre toda a discussão entre os animais, uns se gabando de sua beleza, outros de suas caminhonetes, outros de cursos superiores, amores e assim por diante. A Galinha recentemente brigou com a Cobra sobre o problema de se está na moda ou não usar uma camiseta xadrez, esta defendendo que é muito chique, enquanto a Cobra zoava de sua cara dizendo que aquilo não passava de um ensaio para festa junina. A Cobra namora um jogador de futebol: mas não dos ricos. Sabe, existem os jogadores bem ricos e os bem pobres – mas ela namora um desses últimos, mas que deve em algum lugar jogar um bolão. Já o Cão, como sempre, dormia e comia, e

CONTOS EXPERIMENTAIS

agora ainda sorria, ouvindo as duas discutindo as futilidades da moda, que para ele não valem mais que um osso. O Cão colocava mais lenha no fogão, sabe como é, Animolândia do Sul é muito fria no inverno, de modo que todo o animal troca de pele, assiste um filme de lançamento sobre alguma história já recontada pela milésima vez, como aqueles épicos, com monstros, deuses e heróis. Já o Porco arrumou uma nova namorada, está separado, mas ainda rico, e a sua porca esposa estava com ele viajando de caminhonete e rumo a passeio para o exterior, uma vez que iam ao aeroporto na Praia dos Caranguejos. Os Caranguejos só usam roupa de um lado, uma vez que eles são vistos sempre andando assim, e também nunca usam mais do que a metade dos músculos do corpo – e do cérebro. São uma lição de economia de energia. Mas todos agem por instinto. O Gavião sempre diz nessa situação: “A falta de instintos vai acabar vos matando, animais de pouca sabedoria!” e assim a rotina de Animolândia do Sul continua.

Um cara estranho é o quero-quero, ele é tão possessivo, não convida ninguém para visitar sua casa, brigou com os parentes, fez um ninho em campo de futebol. Imagina, é daqueles tipos que não quer ser incomodado, apenas quer sentar em um sofá e assistir algo, comer pipoca, soltar uns gases. Ninho em um campo é difícil, as bolas vêm de lá,

CONTOS EXPERIMENTAIS

vêm de cá, pulam, voam, e o ninho dele se vê cada vez mais ameaçado. Quando estava quente o Lagarto tentou comer seus ovos, seus filhos queridos. Já reservou dinheiro para pagar o estudo dos ovos, a escola particular, a faculdade, o carro novo. Como pode agora a esposa de um honesto cidadão com asas que não voa botar novos ovos? É triste, mas ele anda pela Rua Paz Perpétua falando que não mais deseja viver, que em seu campo não há mais vitória. Mas agora briga com todos, abre suas asas, ameaça bicar até o Sabiá, que não quer nada com seu campo, nem seu ninho. Já faz tempo que ninguém joga futebol em Animolândia do Sul, pois quase esqueceram da bola, de dar bola uns para os outros. Ninguém conversa, todo mundo só pensa em construir ninho, em viver para si mesmo. Os pássaros ainda gorjeiam, mas quase ninguém mais tem tempo para ouvir suas palavras suaves. Mas o que importa a raça que tenho, se eu sou ave, réptil, mamífero ou peixe? O que importa é cada um saber ser feliz em seu habitat e não se estressar com a vida. O Quero-quero logo bota outros ovos, e tudo volta a tranquilidade de sempre em Animolândia do Sul.

Na pacata cidade vão a Cobra e a Galinha, bem como Cão para a igreja. No mundo animal não há como entre humanos, alguma dúvida sobre o que fazer na vida. Nem precisam se confessar a Deus,

CONTOS EXPERIMENTAIS

uma vez que fazem sempre o que manda o seu Criador, diferente dos humanos. Em Animolândia do Sul ainda não há nenhuma dúvida, apesar de a Cobra e a Galinha apenas irem para fofocar e condenar as roupas das outras fêmeas. Mas cada animal tem a sua natureza. O Porco quase nunca vai para a igreja dos animais, ele apenas cuida de suas mil coisas, seus bens, carros, propriedades e dinheiro. Mas muita coisa é legal mesmo assim, e não é porque o Porco não gosta de ver o que não se pode pegar na vida, o que não é palpável, que os animais desistirão de venerar seu Grande Espírito Grupo, que governa todas as suas ações. Um animal nunca erra, sempre sabe assim o que fazer e sua igreja é perfeita.

Mas o Gavião vive solitário em seu ninho. Voa nas alturas de sua contemplação do mundo e reflexão sobre seu bico, divaga no azul celeste. Ajuda a quem puder, faz de seu voo um aprendizado dividido com os outros pelos livros que escreve. Não é fácil escrever com o bico, tem de se ter boa cabeça. Você não imagina como é usar uma tinta escassa e difícil de se encontrar. Hora o Gavião voa com no vento do oriente, ora com o do ocidente. Prefere o vento oriental, pois lhe leva a maiores alturas. Assim escreve em seus livros palavras positivas e alegres, para que os animais que leem fiquem também felizes e positivos. Não há máscaras entre os

CONTOS EXPERIMENTAIS

animais, cada um tem seu papel. É difícil para nós humanos imaginarmos um mundo assim. Mas conversou o Gavião com o Porco certo dia:

- Amigo Porco, você não se cansa de comprar coisas e colecionar bugigangas?
- Sabe que eu não vivo sem comprar, acho que tenho de fazer isso, não sei explicar. Minha mulher pede, eu dou presentes e como tenho muito dinheiro, posso comprar tudo
- Tem coisas que não se pode comprar, você sabia?
- O quê? Até hoje comprei tudo, amigos, namoradas, emprego, clientes...
- Há animais que não se vendem e coisas que não se pode comprar
- Que coisas seriam essas?
- O amor, o respeito, a fidelidade, a admiração e semelhantes
- Não concordo, mas cada bicho com seus valores. Para Galinha são as roupas e o salão de beleza, para o Quero-quero o seu ninho, para Cobra enganar os outros bichos
- Acho que todo bicho tem um objetivo igual: ser amado. Não importa as coisas que fazem, os erros que tomam, os vícios e as virtudes. Ademais, os bichos têm

CONTOS EXPERIMENTAIS

instinto e sempre fazem o certo para eles mesmos.

- Cara, você me deixa confuso. Preciso ir embora, as formigas e os insetos, meus escravos, precisam de trabalho e sou eu seu patrão. Sabe como é, quem tem dinheiro faz dinheiro, e quem tem esperteza passa por cima dos menos espertos. É assim que eu vivo
- Eu vivo pelo bem dos outros, somos diferentes. Mas boa porcalhada, amigo.
- A você também, falamos qualquer hora
- Abraço

Assim foi embora o Porco, ficando o Gavião refletindo. Passou um pobre e ofereceu-lhe um prato de comida a ave de rapina. Os animais continuaram com sua rotina, um chorando por ninho destruído, outro cuidando da roupa dos outros, outro enriquecendo à custa de escravos. O Gavião voava por onde sequer imaginavam outros animais, perto das nuvens, onde as estrelas dançam sua luz e a Lua trafega com sua carruagem puxada por gatos. Mas Animolândia do Sul está sempre feliz, todos têm sua toca, seu ninho, sua ração. Não há animal que não tenha a sua presa, que não seja no fundo de seu coração um pouquinho predador. Mas todos vivem em paz, e ainda nossos seis

CONTOS EXPERIMENTAIS

amigos, da Rua Paz Perpétua, onde reina uma luta controlada, sem maiores consequências. Cidade com muito Ânimo, Animolândia do Sul é exemplo a todo o animal, é puro instinto. É sempre animador lembrar dessa cidade, de seus simpáticos bichos, da lição que tiramos ao observar a vida de cada um em seu espaço, em seu mundo e consciência.

O PRESENTE VERDE

Era domingo e faltava uma semana para o Natal. As luzes multiplicadas ofuscavam os olhos no torpor do que ainda se imaginava na alegria. A esperança ainda tinha raiz nos olhos verdes de Ditinho, que a cada ano esperava com o batucar de seu coração o Papai Noel, o qual descobria algo novo a cada ano, para saciar a sua curiosidade sem fim.

Agora especial. Não que fosse outra data, nem outro lugar, mas que na cabeça do pequeno Ditinho surgiu a lâmpada da ideia de usar sua mesada, que guardava a cada mês, metodicamente, no sentido de dar brinquedos as crianças pobres que conhecia na escola onde estudara, não que ele fosse rico, mas que verdadeiramente sabia o real sentido de valor.

O Papai Noel era para ele, menino muito esperto, uma espécie de fantasma, que todo o ano vinha e dava presentes a todos. Somente assim seria

CONTOS EXPERIMENTAIS

possível. Duvidava, é verdade, um pouco que esse velhinho barbudo, de óculos, de botas nos pés, gorro e com pequeno saco, o pior de tudo é esse pequeno saco, daria conta de toda a multidão de pessoas. Via na televisão e mesmo na aula que havia muitas pessoas, que ele nem sabia ou lembrava o número, mas que eram muitas. Não podia fazer sem ajuda. Assim Ditinho comprava presentes, nem muito caros, nem muito baratos, os quais não duvidara serem repudiados, como os clássicos carrinhos de coleção para meninos e bonecas para meninas, um em cada loja diferente. Não queria ser injusto.

Ninguém sabia do seu segredo. Nem sua mãe, nem seu pai, nem o amigo Jorge, nem Gustavo, nem o tio Adelino, nem a tia Izolete. Ainda com oito anos, e já havia crescido muito em sua cabeça, já se preocupava com a felicidade das pessoas. Após ter chorado um dia, pensou que ninguém precisava chorar, é coisa boba. Muitas coisas bobas fazem as pessoas. Sabia contar, contava as vezes com calculadora, mas tinha 22 crianças que decidiu ajudar. Já passaram 7 meses desde que decidiu ajudar o Papai Noel, e agora faltavam poucos dias. Na verdade não importavam os presentes, mas sim os sorrisos das crianças que como um novo nascimento assopravam a vida, uma vida de mais esperança. Por isso da cor verde em que eram embalados, pois sua prima Karina falou que verde é

CONTOS EXPERIMENTAIS

cor de esperança. Toda a ideia veio numa noite fria na cidade vestida de nevoeiro, que agora era gorjeada por pássaros nas árvores frondosas. Ditinho subia numa árvore, se pendurava, inventava balanço, treinava a sua coragem.

O verão veio finalmente, após tanta chuva, lágrima do céu. Mas alegria das plantas que sorriem. Suado, o menino herói, corria de um lado para outro, de uma rua e outra, às vezes se encontrando, às vezes estando perdido, suado, com o sal salgando sua boca, os cabelos se penteando ao vento, a bicicleta com os pneus secos e gastos, riscada dos galhos dos gravetos que encontrava nos atalhos percorridos. Seus planos inocentes e sem aquela astúcia que se ganha ao crescer, estavam agora quase cumpridos, faltavam poucas crianças a entregar os pacotes verdes. Maduros contudo, pareciam os presentes que o próprio Ditinho ganhava diretamente do Papai Noel.

A boneca já estava coberta com o papel verde que feito grama em campo de futebol despertava uma singular alegria. Tão linda, quase viva, essa ele colocara na varanda de uma antiga casa alemã, cujo assoalho já estava deteriorado pelo tempo e pela ação destruidora dos cupins. Já era o vigésimo primeiro presente, penúltimo, e a bicicleta estava sem freio, Ditinho quase caía para parar. Onde havia verde ele imaginava ser algo que tinha feito,

CONTOS EXPERIMENTAIS

que era um dos seus presentes. Se fosse possível ele passava a vida fazendo as pessoas felizes. Não queria lembrar mais como era chorar, estar triste. As lágrimas se secaram, não mais tem fonte em seu rostinho bronzeado pelos dias de entregas, pelo seu segredo. Quase descobriram, mas ele disse que era filho de um homem que trabalhava no correio, que ajudava o pai. Assim não desconfiavam.

O último presente era um daqueles que ele queria ficar para ele, o carinho de coleção. Ele tinha já a sua coleção, mas não se importava em aumentar ou não. Colecionar agora ele queria a alegria. Ajudando o Papai Noel ele podia ficar rico. Os carrinhos eram mais baratos que as bonecas, mas mesmo assim os preferia, talvez por um dia querer um de verdade. A verdade é que sua mãe nesse dia brigou com ele, pois achava que estava inventando alguma arte. Ele, com um sorriso oculto feito estátua sobre seu rosto, estava tranquilo. As luzes coloriam a noite, as músicas de natal tocavam na rádio, como “noite feliz”, e outras crianças pediam presentes aos seus pais, choravam por não ganhar tudo que desejam, estavam cheias de ganância. Ditinho esqueceu-se de pedir presente, em meio a tanta atividade, tempo de reservara após vir da escola, no fim da tarde, fazia uma semana. Chegou a ver as crianças que receberam seus presentes, não todas mais algumas. Chorou.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Renovado na véspera do nascimento de Jesus, agora sabia Ditinho que seu pai lhe daria uma bicicleta, que por coincidência era verde. Ela estava no forro da garagem, e o menino já preparava a sua para dar de presente ao seu amigo Jorge, que era muito humilde. O pai para ele também era amigo do Papai Noel. O vento do destino quis que ambos fossem semelhantes, mas cada um no seu tempo, na sua existência. O Sol agora brilha mais forte, as nuvens navegam no mar azul do céu. Não podia Ditinho ajudar a todas as crianças do mundo, como ele quisera, porém a verdade do seu coração. O seu amigo Papai Noel ele nunca viu, mas sabia que mesmo os outros o ajudam nesse trabalho do Natal, que deve ser feito por uma empresa muito grande. Imaginava assim uma fábrica parecida com aquela fábrica de chocolate. O amor foi o motivo maior para que Ditinho continuasse a dar presentes, a cada novo Natal, sendo uma estrela de Belém, entre tantas outras estrelas especiais, coroando sua vida com alegria, semeando felicidade de outras crianças, o que até hoje, homem feito, ainda faz, muitos anos depois, e nunca ninguém descobriu o mistério do presente verde, nem Ditinho (Benedito) contou a ninguém esse segredo.

Sem relógio

Vestiu o frio no seu corpo. Ele é um talvez, um sim e um não, não sabe o que é. A cada manhã, a beijava em momento de engrenagem, entre frutos que amadureciam com o tempo. Cuida do sangue das árvores que cresce em seus pensamentos vegetativos. Roberto cresceu entre pais que desafiavam a compreensão, feito cria de ornitorrinco, natureza de ambiguidade. Julianne digita palavras bonitas na rede, baixa músicas melodramáticas, notórias fontes de gosma regurgitada. Oi, você está bem? Estou sim meu amor, desde que você veio morar comigo nessa cidade de geada. Eu que sei, já nasci aqui nessa parada, sei lá. O que vai fazer hoje quando voltar do trabalho? Estou planejando algo pra agente, dar uns rolês. Meu pai vai assistir novela, minha mãe futebol, meu irmão vai dançar balé. Assim Ju e Beto trafegam nas linhas desenhadas em desejos semelhantes a ácidos que desmembram a substância divina. Ontem era dia quente, agora não há mais frio como antigamente, quando os tijolos de barro construíaam os lares de alegria. Deuses lares em fogueiras. Circuitos de ultrassentimento

CONTOS EXPERIMENTAIS

congelavam o rancor que amanhã tomará os dois de assalto, que os levará para a detenção de grades de ferro. Travou guerra contra a paz, com devassidão, vidão de violão que no acorde da harmonia criava partitura apumada. Beto sempre beijando palavras na boca. Ele era agora independente, pendente em seus planos, planos e aeroplanos, anos que se passavam, que assavam. Ju o compreendia. Oi meu amor, sua voz está diferente no telefone. Hoje vou fazer macarrão no almoço. Quero passear contigo, podemos? Cara, eu nem imaginava que podia estar tão feliz. Véio, hoje vai ter um show legal daquela banda. Lembra? Não sei, última vez nós fomos e estava desafinado, não acha? Acho também, mas valeu, você não curtiu? Curti sim. Só acho que estaria melhor naquele outro rolê lá que antes havíamos planejado. Aquele esquema? Aquele mesmo. Hoje me sinto tão carente. Venha aqui e me abraça, eu te aqueço... Está tão friozinho. Você está gripada, amor. Logo vou para a facul, estou com dor no pescoço. Hoje estou com cólica. Será difícil aquela prova. Você me leva lá, minha moto está na oficina. Levo sim, espera um pouco. Um avião caiu na Mongólia, foram cento e trinta mortos - a TV anunciava a realidade virtual, o show de realidade. Você perdeu, tente outra vez - dizia o videogame. O perfume na lama estava adentrando com ruído nos ouvidos de Beto, e Ju limpava seus

CONTOS EXPERIMENTAIS

saltos cheios de pó de giz. Aqui tudo estava escrito de branco no quadro negro, estava tudo digitado nos milhos que se catavam em letras. Tretas. Tetas. Setas que apontam para frente, para trás, para dentro, para o mais escondido. Flores decapitadas pelo amor, Ju e Beto pegavam a foice que trespassava em rude fio todo o símbolo eroto. Carro de sensibilidade, estofamento que cobre acalorado momento. Paciência e ciência, morango e alfinete, cada um com cada um, ambos não eram uma coisa só, um animal alquímico. Alianças tiradas. Era apenas traição. Velhos amores eram lembrados na infernal lembrança, balança, lança. Leonardo e Bernadete estavam novamente livres, ele podia voltar a sua missa, no ofício de padre, e ela poderia voltar ao seu convento, cuidando das orações matinais. Era Idade Média. Flores cresciam no círculo mágico, para reservar um novo ritual. Dragão estava desenhado no grimório que se escondia no canto da cela em que repousava Bernadete, entre espíritos e espirros do frio. Leonardo festejava naquele encontro de jovens, vestido de bode solitário. Agora chifres eram luzes que desenhavam a coroa do futuro, que adornava pedras vermelhas de rubi no olhar que espelhava de seu padre Leonardo. Padre e Demônio. Um momento singular na vida de um homem é sua metamorfose. Meta de amor que fosse, mutação

CONTOS EXPERIMENTAIS

tragicômica. Já encontrou o *Spiritus Vitae*? Estou trabalhando na Grande Obra, agora já usei do sal e do enxofre, me resta unir o rei e a rainha e conseguir o leão verde, e por fim me encontrar com Mercúrio. No jardim suspenso no céu assim se encontravam Bernadete e Leonardo, em um ritual secreto naquele lugar especial, entre sapos e macacos humanos, elementais e gnomos. Decadência, fragrância, estância, indulgência, ânsia. Unicórnio que desfila no firmamento, Sol e Lua unidos na corrente do Éden. Serpente macia e especial para esse rito. A palavra de poder, procuro a palavra de poder. Agora tenho de voltar aos afazeres e ordenar as servas de Cristo e a noite amar meu Leonardo. É proibido ficar nua, como vou fazer? Agora que tenho tanto desejo acumulado, espero satisfazer meu intento. Minha tez prateada como a Lua agradece Diana que é leve e transparente, sem sangue, sempre distante, e também a Pan que é todas as coisas que chocam. Roberto agora estava de olhos nas horas. Todo o tempo devorava com suas presas os segundos de contentamento. Esperança para que volte o que já foi é saudade, é dormir com a lembrança, esquecer o significado do tempo. Geada é como sorvete sem gosto experimentado na paisagem. Sem gosto, um tremer do corpo, um doce que se imagina... Ju estava vestida de cachecol e de verde reflorestando o olhar de Beto. Ela escrevendo nesse frio estudando

CONTOS EXPERIMENTAIS

desde cedo para prova da faculdade. Faz crueldade, crua idade. Ela canta e canto de pássaro, porém não espanta, mas desfloreia a folha do caderno, pelo tremer de quem escreve. Todo o tempo voa e o branco se vai, deixando os campos novamente comestíveis ao gado, também a Roberto. Quer chocolate? Gostou da minha calça nova. Comprei no shopping, lá quando fomos fazer concurso. Você vai pagar o telefone hoje? Vou. Pensei em passar lá na farmácia comprar antigripal. Você que sabe. Vou aproveitar então. Ah! Nada amor. Puta merda, agora esqueci de uma coisa! O que foi! Eu tenho de pagar aquela conta. Que conta? Aquela? Qual? Você sabe, aquela da compra pela Internet. Desde que achei aquele link, vi que estava com uma esperança nova. Um momento... Sem relógio. Agora preparavam um ritual gnóstico para a noite. Leonardo ficava apreensivo com a aparição do espírito. Já havia tomado as precauções, feito o banimento, invocado Gabriel e Rafael. No tempo que não é tempo e no espaço que não é espaço, me encontrei, por sorte do destino. O sino tocou, tocou, tocou, mas nada mais me demonstrou que o que era repetido. Na ilusão eu acordei e por acordar nela, sonhava que estava numa realidade que eu mesmo criei. Não sei de onde, mas quebrei a cabeça para montar o quebracabeça e assim o terminei. Eu não sou eu, eu não tenho nome. A idade desapareceu com a sua vã

CONTOS EXPERIMENTAIS

medida. Parar de pensar é fundamental, para inserir-se na verdade, pois o que pode ser pensado é virtualidade. Sem memória, não existe experiência, mas, experiência de quê? Melhor seria esquecer-se de tudo, fugir do abismo. Dor não é dor, prazer não é prazer, vida não é vida. Assim estava satisfeito o ritual, e surtiu resultado. O Santo Graal estava com o sangue dos santos. E todo o relógio estava quebrado...

Catarina na Lua e imprevistos venusianos

Um laser mediu a idade que ainda restava. A roupa de plástico estava no compartimento pressurizado e a vácuo. Um robô limpava a estação e sensores diziam se havia elemento estranho nos medidores de densidade. A nave estava próxima ao satélite natural da Terra, com tripulação mais que especial, entre eles o Capitão Colombi, que dava as ordens para que Catarina trouxesse as coordenadas exatas para um pouso seguro. O sonho espacial era perseguido, rumo ao planeta das oportunidades. As escotilhas se moviam de modo que o ar era expelido com potência através de dispositivos da nave, uma descoberta recente de pesquisadores. O ano é aproximadamente 2311. Já comeu a ração? Eu queria é hambúrguer. Logo você terá amigo, pois estamos próximos da estação lunar. Morar lá vai me ajudar muito. Cara, quando eu ia imaginar que ia morar na Lua. Sei lá, você com esse seu cabelo cinza lindo já parecia lunar, amiga. Quer provar um pouco, tem gosto de churrasco? Estou enjoada, não, obrigada. Assim em outros compartimentos havia tripulantes bem ocupados, até fazendo amor em gravidade zero. Um pouco grave, mas a natureza

CONTOS EXPERIMENTAIS

humana gosta dos frutos ainda mundanos. E danos na nave. Agora manobrando, já é gravidade lunar, imaginaram. John e Stéfani caem nus no êxtase lunar. Cabral joga xadrez, noutra cápsula. Bebelingere cápsula contra enjojo. O voo acaba transcorrendo bem. Catarina sozinha recebe ordens e vai para seu posto. Ela cientista daquelas de filme de ficção científica dos anos 50, vanguardista. Possui cabelos da cor prateada, silenciosa feito espaço sideral, nova feito supernova, possui os olhos de via láctea, e seus brincos lembram anéis de Saturno. Quase sempre vestida da cor de Vênus, e mesmo assim o Capitão não acolheu os jogos de sedução. Sedição. Secussão. E ela usa saltos gravitacionais, para na Lua não sair voando em suas divagações poéticas. Sondas controladas voavam para lá e para cá, analisando o elemento que adentrava na esfera lunática. E seus tripulantes agora descansavam, haja vista a longa jornada pelos mares estrelados. No céu outras naves viajavam para Marte, que está ficando super populoso. Colombi observava atento a detalhes da nave, agora em adaptação de pressão. Os tripulantes vestiam seus trajes e até entrarem na estação, teriam de se adaptar a condição climática extrema. John e Stéfani ainda teriam de se recuperar do seu sexo flutuante. Teriam de descobrir onde foram parar suas roupas íntimas, pois com movimentos da nave

CONTOS EXPERIMENTAIS

as coisas planavam de lá para cá. Calcinhas, sutiãs e cuecas voavam na nave, e todos já sabiam que pesquisadores se entretêm no platô de suas descobertas orgásmicas. Tox21 está sempre trabalhando, repete palavras, fala coisas sem sentido. Coberto de silício ele reluzia a companhia que fazia Catarina distrair-se. Tox não é tóxico, nem andrógino. Antes por demais lógico. Ele é o robô designado à missão e responsável por colher dados. A senhorita deseja algo? Agora não Tox, estou repousando após a transição orbital. A senhorita precisa de alguma tarefa? Agora não Tox, eu já disse. A senhorita precisa que eu envie alguma mensagem particular? Agora não Tox, o Capitão está verificando se não trouxemos algum vírus ou perigo a esse planeta. A senhorita precisa... Tox, sai daqui, você está me enchendo a paciência! Catarina passou batom da felicidade. Esse batom que Catarina usa tem forma de reduzir serotonina, de um modo que o prazer passa diretamente para o cérebro, hormônio que alegra. No planeta Terra está proibido esse batom, uma vez que as mulheres que passaram, beijaram todos os homens que viram pela frente. Mas como ela estava agora trancada e nada além do Tox por perto, poderia fazer esse uso controlado da substância. Antes estava triste, pensava em desaparecer no espaço em célula funerária. A nave assim dava o alerta de estar com

CONTOS EXPERIMENTAIS

problemas. Nave ameaça explodir e virar lixo espacial. Especial. E por isso alguns faziam amor, por esperarem ser seu Apocalipse pessoal. E as regras acabaram por um momento, o caos reinou. Uns viajavam virtualmente pra ver a família, outros se despediam, outros amavam, outros odiavam, outros choravam e um gargalhou. O desespero imperava. Colombi raciocinava. No quarto ao lado, Bebel dorme e sonha com planetas inabitados, constrói estações espaciais e pilota naves de chumbo. As naves de chumbo servem para voar na Lua, pois a gravidade atrapalha muito um voo em veículo semelhante aos usados na Terra. Amiga de Catarina, também traidora, por ter passado na gravidade zero nos braços de Colombi. O Capitão ingere remédio do amor, que é uma invenção do ano de 2170, onde as pessoas se apaixonam mais constantemente. Na verdade, tudo ficou virtualmente, mas mesmo assim alguns descem do mundo da Lua. Descoberta de um cientista brasileiro, por acidente, essa pílula foi usada em tratamento de depressão e em soldados que passaram pela batalha. Bebel assim estava por perto, quando dos efeitos em Colombi. Não quer saber de anel, nem de noivado, nem de marido, Bebel é mulher do futuro. Já Catarina ainda sente no homem o motivo de sua jornada estelar. Ela não se preocupava antes do aviso da nave, ainda teria

CONTOS EXPERIMENTAIS

250 anos segundo medição do laser a vivenciar. E Colombi ainda estava com seus quarenta anos paralisados, não mais envelheceria. Para se distrair e esquecer a nave que se definhava, Catarina e Bebel falavam por horas. Você já viu aquele novo jogador de espaçoebol? Ele é lindo, só achei que aquela calça apertada não combina. Você amiga, com seu gosto por detalhes. Meu cabelo está ficando meio rosa. Hoje é moda. Também *tatoo* de planetas. E você já conheceu a maquiagem virtual? Já usei, não parecia eu, e parecer outra mulher não me agradou. Pra mim valeu. Escondeu minha verruga do pescoço. De que adianta, se os homens não notam verrugas. Conheci um cara que estava com efeito da pílula do amor. Eu não gosto. Prefiro o natural. Viu meu sapato de pedra lunar? Lindo, você comprou onde? Mas logo você terá de usar os gravitacionais também. Eu sei. Deste modo, também Cabral se preparava para morrer ou para seu último jogo de xadrez. Cabral é sozinho, prefere peças de jogo a mulheres, e certa vez fez amor com alguma robô. Ele prefere aquilo que pode possuir, e gosta que façam a sua vontade. As mulheres mandam no mundo, não é mais um mundo para Cabral. Ele ainda nas correntes de metal, e elas com sapatos lunares. Ele com pelos no peito, e outros homens pintados de azul em seu corpo. Robô para satisfação era nesses mundos de naves e estações espaciais, o âmagô de

CONTOS EXPERIMENTAIS

Cabral. Catarina já sorriu pra ele de forma sideral. Mas Cabral parece buraco negro. Colombi anunciava de se retirar da nave no último momento. Assim Stéfani e John saiam de mãos dadas de um quarto, ele focado por Bebel, logo atrás seguidos por Cabral, que estava desarrumado e cabeludo. Catarina estava feliz, mas ficou assustada ao ver que o planeta não era o planeta, que era demasiado verde. Arrumou seu vestido ambiental e estava perdida. Não sabia aonde ia, nem para onde partiria. Ela estava procurando um caminho, Colombi não respondia, Tox teve pane. Arrumava seus cabelos prateados. Bebel mastigava goma de sabor “comece a se satisfazer agora”. John trairia Stéfani com Bebel. Cabral frio gritava: Estamos caindo em Vênus! Morreu de ataque. Outros reagiam de forma oposta, multiplicavam a vida. E o amor se multiplicava. Haja “camisa de Vênus”! Catarina desconfiava, tendo em vista Stéfani fazer tanto amor na nave, e Colombi estar se inclinando muito nos ombros de Bebel, fantasiando “montes de Vênus”... Soube-se recentemente que esse planeta causa o efeito colateral do amor. Um perigo cair com a nave nesse mundo, haja vista que poderia haver superpopulação. Pousou tendo algumas avarias, após gritos e desesperos histéricos. Mas Catarina estava feliz, após tantos imprevistos, uma vez que era isso que ela necessitava, de um novo

CONTOS EXPERIMENTAIS

mundo, onde seus desejos fossem liberados e as plantas de seus pés crescessem em passos de estrelas e pudesse assim descobrir um novo mundo com Colombi. Para isso ela trouxe varias caixas de pílulas do amor, escondidas em suas bolsas.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Sol de prata corrói lataria de uma bolsa de mulher

Sol de prata corrói lataria de uma bolsa de mulher. Cabelos se secam e se escovam no vento serrano. Larissa comunga uma bala de morango e trafega distante com sua plataforma. Em boa forma, deforma olhares lobos que uivam brilhos em lentes de óculos de sol. Ela assopra em suave pranto que interrompido é por mensagens de celular, bip excêntrico. Um dos seus admiradores, Kitaro, deseja transformar sua vida. Larissa entra no Camaro dele, após desfrutar de um camarão com macarrão, e mesmo assim sem noção planeja o dia. À noite cuida da criança, filho não planejado de tenra idade, o Vitor. Vitor tem tempo com a mãe apenas no domingo e nos dias de semana à noite, quando sua mãe está livre. Vitor coleciona carrinhos de ferro, fica com a amiga da mãe. Meu filho fica com ela enquanto me ferro para dar o melhor que posso pra ele.

Larissa é simples em seu vocabulário, menina de cidade grande que veio ao interior cheia de sonhos, que acabou sendo terapeuta. Não das terapeutas comuns, mas daquelas que apenas tratam de homens e de impulsos cheios de tabus. Sua bolsa

CONTOS EXPERIMENTAIS

cara passa despercebida, confundida com as piratas que na rua desfilam. Não se é possível revelar o que há no estômago dessa bolsa de mulher. Tudo se pode encontrar, desde alimentos, roupas, produtos de higiene e limpeza, ferramentas de trabalho, estojos de maquiagem, óculos de sol, *tablet* e mil outras coisas, algumas tão misteriosas que nem Larissa desconfia. Ela estava no sol, deitada feito Eva no jardim de sua casa, e frutos amadurecem ao lado da bolsa, pois ela não gosta de bronzamento artificial. Paradoxal é seu destino. Um pássaro defecou por acidente na estátua do seu corpo nu. Logo estará ocupada, mais uma terapia. Lava o rosto. Maquia seu rosto com bronze e seus olhos se enegrecem com mais um cliente. Maurício vem a cada semana, fala de sua esposa, que é chata, que guerra faz no oriente médio de sua casa. Lá onde nasce o Sol, ficou a bolsa de Larissa. Saindo e pagando a conta, ele vai para casa, e ela vai para outra terapia.

Sua bolsa é testemunha de todos os seus segredos. É uma cobra enrolada, uma besta do Apocalipse que cavalgada, sempre está dividindo o seu decote. Larissa chega em casa, o dia devorou o tempo. Kitaro ligou, mas seu celular estava desligado. Luar estava pisoteado por patas de um gado, estelar. Dia quente já se foi e a bolsa estava empoeirada. Limpou a bolsa, lavou o rosto, brincou com Vítor. Vítor é a

CONTOS EXPERIMENTAIS

sua vida, Vitor justifica a sua ida e a sua vinda. Kitaro promete abandonar sua esposa, promete dividir seu prédio, reinado imobiliário. Muitas vezes parece um otário, e Larissa desconfia disso. Osso do seu osso, ela mesmo assim age feito corvo, esperando os restos de um corpo. Larissa gastou muito no shopping, comprou cinco pares de sapatos, algumas joias, foi ao salão. De terapeuta passou a paciente. Falou com Jack, seu amigo cabeleireiro. Jack já falou para ela procurar outro emprego, para não se estressar com os clientes. Amiga, você tem de sair dessa deprê ou senão o bonde passa e teu glamour se escafede. Vai arrasar e larga desse “bofe”! E lá mais uma vez sua outra bolsa, contaminando-se com produtos de beleza, abandonado baú de tesouros, guardada por um demônio medieval. Larissa fala através da bolsa, quando a deixa no colo, revela que quer ir embora, quando a larga, fica horas palavreando utopias. A bolsa foi roubada! Justo aquela que era a preferida, a bolsa de sua vida, o seu estômago, seu sentido da vida, depois de Vitor. Larissa é mulher canguru.

Ela ficou desesperada, e esperava, e esperava. O telefone tocou e o homem que roubou pediu o resgate, e Larissa pagaria dez vezes mais o valor que ele pedia. Pra ela essa bolsa era sua vida, estava em fotos, estava na conquistas que ela teve nessa cidade pequena. Sua vadia, você pode pagar mais, ele dizia.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Mas nem a conhecia, pois ela é reservada, não sai muito. Apenas trata de sua terapia, de seus homens perdidos. A bolsa não apareceu, estava como uma relíquia no fundo do mar. Ela sem ar, e sem lar para as suas coisas. Uma mulher sem uma bolsa é como um tesouro sem baú. Ela pediu ajuda para seu cliente policial, e assim recuperou a bolsa, já vazia e sem prata. Acho que o ladrão nem sabia se era verdadeira, dizia ela. Levou a bolsa em um alfaiate, a fim de arrumar rasgos e outros danos que havia. Ele nunca tinha arrumado uma bolsa de mulher. Nem mesmo entendia de mulher, pois costurava apenas alta costura para homens. Contudo, pela docilidade dela, ele fez uma exceção. A bolsa ficou assim ao lado da sala, esquecida, e Larissa estava com outras bolsas, mas nenhuma é aquela. Bolsa nem grande, nem pequena, nem leve e nem pesada. Essa bolsa que ela carregava, era sua felicidade, sua cidade, sua morada. Larissa não tinha outro lar, e nem o azar de ser roubada, iria atrapalhar. Larissa falava com a amiga, Elaine, revelando esse drama da bolsa roubada, do Kitaro e suas promessas, da vida às avessas. Sabe, amiga, a minha bolsa foi roubada denovo. Puta merda, essa é aquela bolsa que adoro, tá ligado. Lá naquele cara que ia arrumar, tá ligado. Sei, você já informou a polícia. Ninguém merece, duas vezes! Não sei mais o que fazer da vida, tá ligado. As coisas estão feito ácido que dissolve

CONTOS EXPERIMENTAIS

metal, estão deletando tudo. Mais um cliente liga, e ela tem de sair, pois Elaine também logo vai. Elaine é ruiva, e brava, quase sempre bipolar. Hoje estava bem ao conversar com Larissa, talvez por compaixão em relação à bolsa. Ela também tinha uma bolsa que guardava boas lembranças, mais simples, mas igualmente relevante. Levante e siga em frente, dizia Elaine. Mas a atender ao telefone, descobriu que novamente roubaram a bolsa, agora no alfaiate. Perigo a Larissa saber disso e acelerar o carro, pois poderia se perder na potência de sua histeria. Assim disse para ela ir de táxi, e ligou depois. Mesmo assim escutou gritos no telefone. A bolsa novamente viajava, agora nas mãos de alguma mulher, possivelmente a diarista do alfaiate. Perdi a minha vida, filha da puta.

Costurando ideias, ela planejava vestir-se de melhor ânimo. Procurou a tal diarista, que também trabalhava no motel. Assim ficaria mais fácil. Viu uma mulher que parecia com a descrição e a parou no pátio, descobriu não ser sua bolsa, mas uma vagabunda. Foi embora e esperou outros dias, pra ver se ela mudava de bolsa. A diarista parecia camaleão, e a cada dia mudava de cor, parecia ter uma coleção resultante de pequenos furtos. Ao buscar Vitor do jardim, ocorreu de ouvir amiga falando de sua bolsa com outra mulher. Correu, desesperada e quebrando o seu salto, chorou,

CONTOS EXPERIMENTAIS

encontrando a diarista com sua amada no ombro. Exigiu e tomou num ato violento. Dá aqui, sua desgraçada! Assim reencontrava sua alma-gêmea, e voltava ao normal, com sua bolsa acompanhando nas terapias, com seus clientes se ampliando em número, e para dar sorte com Kitaro. Ao se encontrar com este, aconteceu da bolsa ficar no quarto. Kitaro teve uma ideia: daria uma fábrica de bolsas para Larissa, pedindo-a em casamento. Casaram numa ilha e lá moraram, longe da vida urbana e da vida que teve ela como terapeuta, contemplando palmeiras que abraçavam o céu em maresia. Ela usava uma bolsa em cada dia até o fim de sua vida, bem como um sapato diferente. Inventaram bolsas e sapatos que mudam de cor...

Helmut e Morgana

Havia no sul da terra das bananas, onde a serra beijava as nuvens e se cobria com o manto da neblina, uma cidadezinha chamada Santa Benedita, onde além dos habitantes simpáticos que nela construíram suas casas de pinheiro, uma escadaria que no morro contornava feito um vestido de noiva existia. Sempre pacato lugar, eis que nada descarrilava o trem da tranquilidade. Mas um dia veio de longe, do desconhecido, um povo especial, ciganos, que habitaram no morro onde estava a escadaria e a igreja, na época de uma torre só e com poucos bancos para se sentar.

Os filhos do vento assim em meio a sua liberdade natural, leituras de mão, cartas, bacias de cobre, danças e todo o mistério, desembarcaram na estação de trem, caminhando até um lugar em que pudessem ficar sem que fossem expulsos. Como na terra serrana havia poucos moradores, em maioria descendentes de alemães e poloneses, armaram suas barracas no morro da escadaria. Não falavam a língua, mas se comunicavam no recente português, que na terra era instituído. A escadaria é grandiosa, e nela se arrastava com o ar gelado que vinha do

CONTOS EXPERIMENTAIS

leste a bela Morgana, cigana jovem, dos seus vinte anos já vividos, de fartos cabelos e jóias abundantes que adornavam os punhos macios e o pescoço, sagrada coluna.

Morgana ficava abaixo dos degraus da curiosidade, esperando alguém que na curiosidade testasse seus dons e sua sensibilidade, e eis que veio Helmut, habitante local, trabalhador no corte de madeiras, lhe consultar, curioso do seu destino e da beleza da moça que sorria sem medo aos homens que passavam, coisa que na região não era sequer possível às moças castas e ocupadas com serviços domésticos e do campo. Assim perguntou Helmut a Morgana, que proseou:

-A senhorita é cigana?

-(sorrindo) Sou sim, estou acampada lá em cima, do lado da igreja. Você deseja saber do teu destino?

-Se a moça não se importar, eu não sei o que posso fazer além de trabalhar, e trabalhar, e trabalhar...Mas... (curioso) Quanto custa?

-Cinquenta réis para o simpático moço. Sou Morgana. Deseja saber sobre tua vida, casamento, dinheiro, saúde?

CONTOS EXPERIMENTAIS

-Hoje eu vou fazer então. Me chamo Helmut, trabalho lá na serraria do fim da rua, onde as pessoas vão tomar banho - (procura no bolso), veja, aqui está a moeda

-Bom, me dê a sua mão. Deixa eu ver aqui... ali.. pelo que percebo, você terá três mulheres em tua vida, das quais uma não terá separação por um motivo que não o fim natural de toda pessoa.

-(olhando para decote de Morgana) Eu espero logo me casar, tenho emprego e no baile conheci uma moça que é encantadora. Ela tem uma flor em seu cabelo, é muito jovem e seu pai a acompanhava no salão, onde também tem cinema. Você é bem diferente das moças daqui

-Vejo mais coisas... Você terá daqui a uns 20 anos um problema de saúde, mas se recuperará. Apenas tem de cuidar com inimigos, e para não trabalhar demais. A tua linha do destino revela rompimento de uma das relações, mas o teu destino não pode ser mudado. Sinto uma energia que revela que você tem de comer mais frutas, pois são remédio, sabe?

-Não havia pensado nisso. Comemos linguiça e chucrute, muita carne e feijão, mas não penso em frutas. Mato também não faz parte do que comemos. Mas um banho por mês eu tomo, o

CONTOS EXPERIMENTAIS

médico disse que é bom, apesar de que o frio aqui me impede de se lavar

-Vejo no teu destino também três filhas, e estas serão alegria em tua vida. Terão boa vida, porém uma sofrerá pequeno malefício em sua saúde. Também as viagens serão constantes, e os lugares te iluminarão os caminhos da tua vida. Também...

-Mas e meu trabalho? Eu ficarei rico? O que você lê na minha mão sobre isso? Estou ansioso por saber, pelo que você falou até agora, parece que terei uma vida e tanto, ein... Olha lá na rua, um gato preto!

-Não quero nem ver, é sinal de mau augúrio. Eles trazem o mal consigo, e temos magia que usa desse poder

-O padre disse que não existe esse negócio de magia... mas eu sempre desconfiei de que fosse verdade. Percebo que tem gente que parece ter encontrado tesouro do nada em sua vida, conseguem tudo e de repente.. estão ricas... Outros parecem ter maldição contra eles... você acredita em maldição?

-Parte de minha família tinha uma, mas nos livramos. É que nos separamos de outro

CONTOS EXPERIMENTAIS

acampamento e cada parte tomou seu rumo. Fiz alguns rituais e tudo está em paz novamente. Mas conheço magia e sei ler cartas, e qualquer coisa você consulta novamente semana que vem, por mais cem réis...

-por enquanto não tenho dinheiro, mas irei lá na sua barraca. Quando sair da missa verei se meu destino está bom, e do contrário, você faz um feitiço pra mim

-sua mão ainda fala então sobre prosperidade...ao casar você ganhará muitas propriedades, certa fortuna. Você ganhará muito dinheiro. Tenha calma, as coisas na natureza precisam amadurecer, nada cresce de um dia para o outro. O teu trabalho terá bons frutos e colherá do suor do teu rosto

-você fala bonito, parece doutora. Mas eu tenho que ir, senhorita, os meus pais esperam que eu arrume cerca da propriedade e ainda carpine uma terra nos fundos, onde tem uma araucária. Gostei de você ler minha mão, volto no domingo que vem. Falarei para amigos de Morgana

-volte sempre e tenho a cura para muitos males. O meu povo ficará aqui por 40 dias. A lua está boa e nessa semana faremos uma festa, se

CONTOS EXPERIMENTAIS

quiser vir, apareça. Convide seus amigos e esposas, temos remédios para a alegria dos casamentos...

-falarei para o povo sobre você, Morgana. Além de bonita tem tanta sabedoria...

-agradeço, Helmut. Bom trabalho e que teu destino caminhe na prosperidade

-tchau!

Assim Helmut voltou à rotina de sua cidadezinha, mas não era mais o mesmo. Agora seus olhos brilhavam de esperança e quando chegou em casa, seus pais Josef e Norma estavam já preocupados com a demora, uma vez que quando batia o sino Helmut abria a barulhenta tramela do portão. Um tiro se ouvia ao longe, era seu pai que caçava bugio, e depois vinha com ele pendurado nas costas, para uma ceia especial reservar. Assim Helmut confessava ao pai:

-boa tarde senhor. Quer ajuda com isso?

-venha meu rapaz, seu pai já está ficando velho. Leve para sua mãe destrinchar...

-pai, hoje eu tava descendo a escadaria e falei com uma cigana. Ela disse que eu ficaria rico

CONTOS EXPERIMENTAIS

-não faça isso! é pecado. Vá ao padre se confessar, senão você acabará no purgatório sofrendo o que o Danado te armar. O padre sempre fala para nós aceitarmos o que temos, e que ser pobre é uma lição de humildade. Devemos agradecer por ter nossa terrinha, filho, e ficar rico ainda não é pra gente. Agradeço a Deus por você ter emprego na serraria, e não depender só do leite que vendemos. Mas o eu a dita cuja lhe falou?

-que ficarei rico

-(sorrindo) E ela não te mostrou onde encontrar o tesouro... não está na praça, por sinal...

-não é por tesouro, é por trabalho...

-na serraria você só ganha 500 réis, como pode ficar rico se isso não sustenta nem a ti... ainda mais quando tiver filhos e esposa para sustentar

-disse que terei três mulheres...

-só ficando viúvo... mas você não desconfia que ela está te enganando, filho? Eu já te aconselhei tantas vezes para você aceitar o que você é. Sabe que somos pobres e sua mãe batalha um monte para sustentar seus seis irmãos. Mas eu vi essa cigana, é uma bonita... que anda meio dançando e olhando para os machos...

CONTOS EXPERIMENTAIS

-ela é diferente, mas bem interessante.

-cuida com as mulheres rapaz... dizem que as ciganas tem aqueles filtros mágicos de amor.. cuida para ela não te enfeitiçar..

-que nada pai, ela não precisa disso

-mas vamos trabalhar... a roça tem de ser pronta, e tem cerca para você fazer.. vai no rancho e pega o arame farpado.. os palanques já estão lá traz..

A mãe de Helmut, Norma, *frau* de Josef, era dona de casa já de experiência comprovada, com sete filhos a criar ela venceu o labor que sua vida reservou. Acordava cedo, ordenhava a vaca, fazia pão, acendia o forno, colhia os milhos, cozinhava, lavava roupas no rio. O frio era grande e o fogão à lenha ficava aceso o dia todo. A geada cobria feito picolé sem gosto a paisagem verdejante, e as crianças corriam pegar e provar seu tempero de alegria. Norma era senhora mui forte, batalhadora, que na rocha se identificava em espírito pela forma mesmo em que vivia. O lar era seu castelo, e no alçapão desta guardava com carinho pedaços de carne que nos dias de festa eram ingeridos por todos com alegria, e com fraternidade. Um pequeno pedaço para cada um dos filhos, a o maior para o

CONTOS EXPERIMENTAIS

esposo. Ela viu a cigana na rua e quando caminhava com sua comadre, a Zenilda, eis que fofocou:

-você viu aqueles ciganos, eles são mesmo diferentes

-eu tava pensando em saber sobre o meu futuro

-eu não acredito nisso, sou cristã

-não faz mal a curiosidade. Acho que eles são diferentes, mas àquelas mulheres são mesmo indecentes

-você viu o jeito que aquela anda com o vestido... parece uma meretriz, que vergonha. Muitas joias, colorido. Dizem que eles roubam as frutas dos pés na estrada e matam os animais, para se alimentar, não importa de quem seja

- mas ela tem joias

-meu marido prometeu pra mim alguma, quando se aposentar

-até lá a tua beleza estará aposentada, comadre.. (sorriu)...

-(gargalhando) é mesmo. Meu filho disse ter consultado

CONTOS EXPERIMENTAIS

-e o que ela falou?

-que ele ficará rico

-torço para que fique

-fez pão essa semana?

-o centeio quase não deu...

-mas você tem estoque...

-a dispensa está se acabando

-torço para que a geada passe... esse ano as coisas queimaram, que plantamos

-mas a cigana é mesmo muito estranha. Dizem que elas conhecem feitiços

-preciso de um para meu marido, ele anda meio desanimado

-compro uma “garrafada” de presente... ou aquele “pó simpático” que vendem

-eu troco por uma galinha.. tem uma que já não bota ovo

-dizem que as ciganas sabem coisas.. que nem acreditamos..

CONTOS EXPERIMENTAIS

-meu filho disse que elas temem gato preto, (sorriu)...

-mas nós tememos o diabo... e talvez sejam o mesmo...

-tomara as bruxas não nos atormentem

-Deus nos livre desse mal!

-vou embora.. tenho que fazer almoço

-até logo, amiga

-até, nos falamos

Helmut ficou com seu inconsciente a habitar no sonho que o cobria no frio da noite. Sonhou assim com a escada da igreja, na qual andavam pessoas estranhas, umas gigantes, outras anãs. Os anões estavam sem camisa e os gigantes usavam bengala. Tinham cartas nas mãos e eram como as que as giganas costumam “tirar”. O Sol era vermelho e a língua que falavam era um idioma não compreendido. Acordou um tanto confuso, viu assim seu irmão de 7 anos Micael, ao qual tinha contado o sonho:

- mano, tudo? você vai começar na escola hoje?

CONTOS EXPERIMENTAIS

- tudo bem... vou tentar desenhar o teu sonho

-você já aprendeu a contar?

-isso eu já aprendi quando era menor.. agora já sei multiplicar... você também sabe?

-sei...mas preciso praticar.. (pensou bobagem...) - mas no meu sonho havia doze gigantes e sete anões

-eu queria conhecer anões, acho eles engraçados

-não há nenhum aqui na cidade

-eu vi uma mulher na rua

-mas meu sonho deve ter algum significado... vou domingo na cigana

-sei que nesse acampamento terá um grande casamento, me falaram no colégio

-tomara que não seja logo, maninho, pois preciso consultar a Morgana

-é o nome daquela que anda na escadaria? Que nome é esse?

-é o nome dela, acho muito bonito

CONTOS EXPERIMENTAIS

-o nosso cachorro poderia se chamar Morgano, o que acha?

-não combina, antes um nome como Totó, Loló, Lili...

-ele deve ter um nome até amanhã.. senão como podemos chamar para dar comida..

-tá, escolhe um nome. Eu vou, preciso rachar lenha

-até mais Hel

-falô, Mica

Três dias após, o eclipse inexplicável escureceu o dia, surpreendendo em alegria todos que olhavam assustados para o céu vestido de preto. Helmut viu Morgana, de vermelho trajada, os olhos dela como estrelas da urso maior no centro do céu de suas expectativas. Jamais tinha o rude homem sentido um descompasso no coração, tão vazio templo cujas colunas se aprumam no fundamento de seu peito. Um amor tão difícil, tão diferente, de mundos tão antitéticos. Jardim crescido na rocha, escadaria que não deixa tropeçar, caminho de tijolos dourados que leva a sublime satisfação. Morgana estava com sua cuidada bola de cristal nas mãos,

CONTOS EXPERIMENTAIS

como se o futuro do mundo fosse um brinquedo que leva pra lá e pra cá, e ela era a senhora do tempo de Helmut, do que havia de bom para acontecer.

Morgana falava com seu pai, Caim, homem que nos dedos carregava grossos anéis de ouro, isso sem falar da corrente que envolvia e dividia com os pelos do peito o pescoço. Assim ela brincou:

-a mãe natureza nos trouxe um dia especial

-tomara que seja, filha. Eu sonhei com isso ainda ontem

-as cartas também me falaram sobre algo do eclipse há algumas semanas, quando tirei entre elas o cachimbo, o dragão e o sapo...

-sapo é feitiço e não deve ter mudado o céu

-não mudou, pai, pois o vento da liberdade logo me trará casamento

-já preparei a grande festa, convidei amigos de muito longe, além de autoridades dessa cidadezinha. Já temos os animais para fazer o banquete

-Você convidou mesmo o prefeito, delegado e juiz, pai?

CONTOS EXPERIMENTAIS

-claro filha, é uma questão de honra que você
minha filha case como manda a tradição

-a tradição acima de tudo, assim é o nosso
povo

-mas o dia voltou a brilhar forte

-sabe que a cor do teu vestido é hoje
auspiciosa

-os astros parecem planejar com certeza as
nossas vidas

-e planejam. Erro é não seguir o caminho
natural das coisas, a linha da eclíptica

-eu vou junto às outras mulheres

-prepare a tua beleza, pois teu marido virá
daqui a 4 luas

Morgana sempre pensou por si mesma, é independente desde criança. Conheceu desde cedo os mistérios da natureza, sente o que irá acontecer com as pessoas, receita ervas, remédios. Seu cliente mais assíduo, o Helmut, apenas pensa em trabalho, em ficar com uma vida fixa, sem mudança. Ela por outro lado, não tem endereço, não tem rumo, como uma ave que migra no continente da incerteza. Um

CONTOS EXPERIMENTAIS

mundo de aventura sempre fez parte de Morgana, seja por seu jeito atraente de ser, seja por saber pela própria palma da mão os traços do casamento, viuvez e novo casamento, que estavam por ocorrer ainda. Hoje a noite é o seu dia, hoje o dia é a sua noite. A escadaria é a anfitriã ao encontro com Helmut, com aquele comum homem, mas que por ser tão comum levava Morgana a curiosidade. Ela agora sem as joias, que sempre adornam seu corpo carnudo, sempre rebatendo a luz da Lua. Ele de camisa azul, paletó escuro, sapato polido, relógio que comprara na relojoaria ali perto da escadaria, cabelo penteado de outro modo. A mudança, por mais simples que seja, traz sempre consigo outro destino, outra maré no oceano de possibilidades. Helmut não conhecia paixão, porém nesse dia sucumbia ao fogo que de Eros vinha através da mágica flecha. Morgana, por outro lado, já vivenciara uma série de experiências arrebatadoras, trazendo no peito alguma cicatriz que agora desaparecera. Agora apaixonados, eram apenas limitados pelo mundo das diferenças. Beijavam-se na escadaria, no nono degrau, quando o Sol boiava no mar azul do céu que escurecia. Assim abraçados, se declaravam, primeiro Morgana:

-Hel, você comprou um perfume novo... que gostoso...

CONTOS EXPERIMENTAIS

-foi na loja perto da escadaria, na esquina, e eu gastei o que ganhei na venda das coisas da mãe

-tua boca é tão doce, teu abraço tão forte... quero mais...

-me abraça, quero você comigo mais e mais. Não vivo sem você

-eu desconfiava de você... cada vez me consultando mais... conheço mais a tua astrologia que a minha

-os planetas podem ter nos unido?

-claro, bobo. Você não deve duvidar da sabedoria cigana. A nossa tradição passou por milênios sem ser corrompida

-eu trouxe um presente

-o que é?

-surpresa

-onde está?

-nessa caixinha, no bolso do meu paletó...

-não aí...você faz cócegas...

-está aqui, meu bem?

CONTOS EXPERIMENTAIS

-isso, mas tua outra mão...

-eu quero procurar os teus presentes...

-o anel é especial... comprei pelo preço, acho que é bom – de ouro – e por ter uma pedra que brilhava muito

-adoro você, Helmut... antes que o acampamento mude e venha o meu casamento, quero te ver mais...

-casa comigo

-como eu queria... mas não posso, você sabe porque

-mas evoluímos, muita coisa mudou, então qual o problema em mudar um pouco mais?

-é a minha vida cigana... não consigo ficar presa, morar longe da natureza, nem ficar parada na rotina

-esperei tanto tempo por encontrar a mulher da minha vida e agora acontece isso

-talvez o nosso amor deva ser em segredo... mas logo vem o meu casamento, o Ruan já está a mim prometido

CONTOS EXPERIMENTAIS

-Esse sujeito chama Ruan. Tenho vontade de recebê-lo às balas!

-talvez os nossos mundos estejam em oposição. E o amor deve tomar outro rumo

-você me faz chorar... eu homem que nunca chorei

-você precisa me dar uns dias para eu pensar o que faço da minha vida, Helmut

-continuo te desejando e espero a resposta sobre o casamento. Vamos fugir, viajar o mundo, se você desejar, minha Gana...meu amor agora é uma ditadura

-você está estudando, menino... desejo que você não interrompa teu caminho por minha causa, nem pela minha escolha

-sofrerei muito se você me abandonar

-daqui a algum tempo você saberá

-me beija, tenho de ir

-que bom seu lábio carnudo... vou, porque já estão me procurando no acampamento

-te amo

CONTOS EXPERIMENTAIS

-também

Passaram-se algumas semanas. O tempo era como um balão levado pelas correntes de ar quente, que nunca se rompem. A grande festa estava arrumada, como as bodas de Caná, muita carne, vinho, abundância, tudo no lugar onde haveria mais tarde um órgão de aposentadoria, embaixo da escadaria. Crianças brincavam nos degraus, nos balanços, escondiam-se atrás das árvores já centenárias, galhos que não se corrompem. Morgana já havia se decidido sobre o casamento. Helmut havia chorado como nunca. Pessoas de fora visitavam a cidade, de todos os lugares, ciganos. Até gente de São Paulo se fazia transeunte pelos paralelepípedos que brilhavam pela brisa suave que lhe lambia no frio dia. Morgana sorria, mas por trás do seu sorriso havia a sombra de Helmut sempre batendo a porta e a querendo arrombar. Ele, por sua vez, trabalhava na horta, arrumava como sempre as flores que nunca colheu. Curioso sobre o barulho de eco que vinha do centro da cidade, vestiu-se com a roupa que antes comprara para o encontro com Morgana, e foi vê-la pela última vez, nas núpcias de tristeza que o assolava. Encontrava lá um amigo, o Hanz, que lhe falou:

CONTOS EXPERIMENTAIS

-boa tarrre!

-boa tarrre!

-procurando um frischtick?

- é, tem que aproveitar, não é todo dia que temos um banquete. Você parece abatido

-to meio ruim do estômago

-a cigana que vai casar é bonita, não acha?

-é...

-pena logo eles irem embora, pois já era comum estarem na escadaria

-eu que o diga. A escadaria me traz lembranças que nunca vou esquecer

-da infância?

-não

-ah é, então você vai sempre a missa e passa nela

-também

-eu gostava da pipoca da praça

-eu nem tanto. Certa vez passei mal

CONTOS EXPERIMENTAIS

-mas amigo, você ainda na serraria?

-trabalhando lá e em casa

-é o jeito

-é

-você, eu soube, está estudando no ginásio, e que quer ser professor...(interrompido)

-veja lá! A cigana está te chamando

Assim Helmut foi falar com Morgana, atrás de uma barraca, onde o crepúsculo de silêncio e espíritos obscuros faziam a sua morada:

-Helmut, eu queria falar e me despedir de você

-o que podemos falar? Você está casando e eu levando um fora

-não é assim... o que a gente viveu foi muito legal, mas já passou... você sabia que não podia dar certo

-isso que vocês fazem aqui é uma festa ou um ritual?

CONTOS EXPERIMENTAIS

-os dois. É que coincidiu com nossa festa de primavera

-mas o seu noivo já veio, o Ruan?

-já

-eu queria estar no lugar dele, você sabe

-eu também queria que estivesse, mas o destino não quis. As estrelas nos uniram e depois separaram .O nosso casamento cigano só se efetiva com o nascimento de um filho, doutra forma é considerado maldito. Antigamente um não cigano não podia ver nosso casamento, pois se achava que a noiva morreria se vocês vissem

-agora os tempos mudaram... Por que você ainda termina comigo por esse motivo?

-nem bem tínhamos começado, Hel... terminamos apenas agora. Estou na idade, não posso mais esperar para casar

-o teu pai te vendeu?

-aconteceu o dote... mas é tradição

-mundo estranho... talvez a gente se apaixonou só para sofrer. E agora sete dias de festa!

CONTOS EXPERIMENTAIS

-também temos esse costume. Nos três primeiros dias ficarei escondida e os rapazes encenarão proteger a minha honra. Daí o Ruan vem e me rapta

-esse teatro é necessário, Morgana? Acho que temos ainda de aprender com vocês...

-daí ele monta a cavalo e me leva. Depois uma anciã faz corte nas nossas mãos e numa taça de vinho faz gotejar... daí faz agente beber

-que coisa mais violenta. Mas eu me deixava ferir inteiro para casar contigo

-depois ela joga no chão o copo de cristal que se parte em pedaços

-as fogueiras ficam acesas até a noite?

-sim... e no final o homem aparece com o lençol branco com o sangue de sua amada. E a festa continua por mais quatro dias, totalizando sete

-e se não for virgem?

-acaba que o noivo inventa... ou exige que se anule o casamento

-muito casamento seria anulado

CONTOS EXPERIMENTAIS

-os tempos mudaram. O ritual é feito ainda mas é mais simbólico que literal

-entendo

-tenho de ir... queria que você soubesse que foi muito importante pra mim, em minha vida. Sabe que eu sempre lembrarei da tua inocência, apesar de ser mais velho, gostei de você. Mas o casamento nosso é assim. A natureza não nos quer juntos, ainda. Em outra vida nos reencontraremos e tudo será melhor. Por agora temos de cada um seguir o seu rumo. Talvez você volte a tua namorada do serviço, na serraria. Eu tenho de seguir minha vida, e em sete dias terei de viajar.

-eu sofro muito. Sabe que um dia eu procuro você para ler minha mão, para ver tua bola de cristal. Te amo. Mesmo que eu encontre outra mulher, jamais será igual a ti. Desde que te vi pela primeira vez, mexeu com meu coração. Mesmo eu sendo um *gadjo*, queria ser cigano para te conquistar

-mesmo assim o meu dote é caro

-eu venderia o mundo para ficar com teu amor

-agora tenho de ir

CONTOS EXPERIMENTAIS

-fica mais comigo. Cada segundo de tua companhia é para mim remédio. Não sofria quando te encontrava...

-nós temos que cada um tomar o seu rumo

-eu não sei que fazer. Toda a minha vida era de solidão... apenas trabalhei e você tinha dado outra luz para mim

-terei de ir... um dia nos vemos pelos ventos do mundo

-jamais te esquecerei, Morgana

-os rapazes me esperam para a encenação

-do que vale tanto ritual de casamento quando o amor não precisa disso tudo?

-não podemos brigar agora. Quero ir em paz... pois gosto de você Hel

-então eu vou... temos de seguir cada um sua vida

-adeus Helmut! Vá com sorte, tenha riqueza e seja feliz!

-que assim seja... vou embora

CONTOS EXPERIMENTAIS

-(Chamaram) Morgana, Morgana! Venha para o ritual

Assim ela foi. Helmut voltou aos afazeres e a trabalhar na serraria. Pegou um martelo, bateu contra a parede. Subiu em seu cavalo, correu até o acampamento cigano, levou uma cruz no bolso e um revolver na cintura. Avistou Morgana adornada em rica beleza, triunfante no horizonte. Correu e atirou em direção, de modo que se esconderam os filhos de Caim. Agarrou Morgana e a levou para bem longe, saltando cercas, atravessando riachos e desviando árvores centenárias que eram como anjos anunciando a salvação, até lá onde os rios abraçam as plagas vizinhas. Assim ele arrumou emprego e um casebre onde fizeram sua morada e ninho. Tiveram duas filhas, as duas bem belas, parecida com a mãe. Helmut foi ver a família, quando o acampamento cigano já estava esquecido e longe de qualquer região próxima. Casaram e a alegria sorriu em seus semblantes sulistas.

A escadaria, seu guardião e tesouro

Da escadaria o que ocorreu eu sei tudo. Desde a pulsar daquele coração que a sobe, até o bizarro desejo que a desce. Sei todos os segredos do que pensado foi e no abismo se ocultou na comodidade. Antes de mais nada eu me apresento: a morte e o fantasma da escadaria sou. Ademais, sei que um tesouro há escondido ao redor dessa auspiciosa obra.

O que sobe e o que desce na vida é como anjo que assim o faz na escada de Jacó. Você não pode aos seus olhos me perceber, sou o eco repetido da desconfiança. Revelarei mais segredos. A breve senhora que flutua no generoso caixão é sapatão, e, mesmo nessa elevação encontra o seu proibido ósculo. Imagine todo o elogio que se dá a alguém quando eu a abraço naquele fim que desejado é por ninguém. Sou flor vomitada...

Ninguém me vê, mas todos me sentem quando o cordão prateado é rompido. O caixão é um barco de luxo que me arrasta em passo apaixonado através da escadaria do infinito. Como é esse morrer? Não posso tudo revelar, mas você sabe que não sabe nada. Entretanto, desce o defunto que agora marcha

CONTOS EXPERIMENTAIS

pelo pé daqueles que lhe prezam, e sei que ele também sabia do tesouro, aquele que antes revelei a possibilidade de existir. Aqui onde vivo você não é, pois o que há aqui do que conhece é o contrário. Tão afável perfume cadavérico que se confunde com o xucro de momentos impenetráveis... Gases que falam do além, oratória da necromancia que é arcano do último mistério. Assim se revelou o segredo que esse corpo me contou, pois do outro modo não deixaria saber a escada, da qual sou guardião, e, nem partir poderia.

Mesmo fantasmas fazem amor na lembrança de seus fetiches, que se confundem com pensamentos realizados. Na morte é lembrança tudo o que se viveu, como num filme longo demais para ser assistido. Nela a maioria não sabe que cruzou esse abismo, vivendo a rotina da fatalidade. O cemitério é uma metrópole de suicidas e alcoólatras. Esse que agora subiu a elevação em degraus será mais um desses contemplados. Isso sem falar na prostituição espiritual, nos bordéis que povoam a alegria do outro lado, de uma quase eterna orgia. O que sei eu a morte, não queira saber. Toda a sua confiança na armadura do caráter será perturbada pela bala da verdade. Sei de quem agora honrosa pessoa é e foi pelo oposto na adolescência apenas alegre entregar-se intimamente num degrau da escadaria. Sei dos amassos lá de cima, de

CONTOS EXPERIMENTAIS

traições, dos tropeços que na queda levam a perdição, mas também à cócega da sinceridade. Eu sei tudo. Mesmo o que você lê, pensa, o que fará desse livro agora em suas mãos.

O partir é como um amor que tudo supera, um caixão levado na escada, casamento da terra e do céu. Dinheiro no além é algo que não vale nada para quem não sabe imaginar, pois tudo o que existe é a própria imaginação. Mesmo a dor não existe. Será que existimos? As palavras que agora dão as mãos e se espelham em seus olhos são apenas o que deseja que sejam. Assim, muito daqui pode provocar o ruborizar, como se em hipnose o dominasse. Sou morte e sei de tudo, de nada e um talvez. A escada minha casa é. Como um brinquedo que se usa na distração de um momento de piá. Na geadá da manhã sou o branco do vulto véu passageiro. Todos marcham, todos são pés que cravados no barranco semeiam a eternidade.

O médium foi dormir...

Possuído... O fantasma de muitos lugares sou, a sombra de muitos ângulos do Sol. Passeio naquela antiga Câmara, nos casarões abandonados, no cemitério da noite. Agora cuido desse cortejo fúnebre, da sinfonia do silêncio e do torpor da alma. Coleciono lembranças proibidas dos mais ingênuos

CONTOS EXPERIMENTAIS

na venusta existência. Às vezes vapor, às vezes sombra, outras tumulto do que é tremilicoso. Eu era um leitor e livros imagino ler, apesar de que somem como fumaça abraçada em ventania. Fico sentado em bancos de rodoviária, invisível, esperando acompanhar um intelectualizante momento. Sentidas ficam as pessoas a que atravesso feito espada sem fio nem lâmina, num transfixar.

Semprelinda escadaria. Acompanhei os tijolos que nela se emprumaram. Inspirei para que não se cansasse quem no elevar busca-se por fim a fé. Na catedral poderia assim chegar sem faltar o fôlego, além de na distração poder na asa de um anjo dialogar. Também os demônios rondam a escadaria, se arrastando na gosma do que a torna no aparecer envelhecida, grotesca e lisa. Quem caiu na escada foi apenas por eles arruinado. Não que os degraus naquele tempo fossem como a rampa, mas que honrada magnificência encontravam aqueles que por ela testavam a sola de seus novos sapatos. Agora estou nela apoiado, mesmo no friolento tempo. Se em linha reta construída fosse, pararia no altar da catedral, mas pelo meu gênio assim não aconteceu. Em plataformas ficou, de modo que até os longos em anos a sobem.

Alhures, sei que a curiosidade te arranha o espírito. Falarei dos segredos dos antigos e modernos. Sei quem assassinou aquele honrado

CONTOS EXPERIMENTAIS

homem, mas não digo, pois dizer é não permitir o passo da sobrevivência. Por outro lado, revelo-te que havia um tempo em que quem deveria da saúde dos outros cuidar, mas que muitas amantes tinha, até mesmo uma cigana, e ainda com uma que teve filho espúrio. Sei de outro que economizava em anestesia e cantava às vezes a dor dos pacientes. Também de quem vendia comida enlatada e colocava algumas que não estavam plenamente cheias. Havia até empresário que colhia jabuticaba na praia, como um menino levado, na mais contrastante humildade. Outro empresário era filho de meretriz. A mais pura verdade um fantasma há de saber. Guardo na memória um casal que tinha na empregada doméstica um grande amor, em triângulo revelado na alcova da volúpia. Também de quem com garrafa outra utilidade deu em desejo, parando em hospital para a sua retirada, pois não é objeto com fim para o amor. E muito mais sei e posso contar.

Essa nossa escadaria é um degrau em cada dia. Não que seja subida ou descida, mas que há sempre no transitar energia. Apocatóstica estrutura. Escada que é outra roupa para a montanha, para pirâmide. Quero ressuscitar nessa subida, e no êxtase dessa entrega fazer dói agora a satisfação. Está no centro do mundo, naquele tudo que muitos desconhecem, na madeira entalhada pela psiqué. Não há pedra

CONTOS EXPERIMENTAIS

descartada, mas pedra é a rigidez de caráter de quem passou pelos degraus. Nenhum cataclismo a devorou, nada aconteceu desde a sua fundação, é como santa intocável. Epifenômeno da superação.

O médium falhou...

Você lembra? Você lembra? Daquele mundo que onírico era no contrário do dia. Tudo é assim um sonho que não se pode controlar ou mesmo interromper, semi-consciência. No invisível há muitas escadarias. Eu agora sou apenas eco dos seus pensamentos. Os seus olhos se movendo, a tua respiração, o seu coração como engrenagem do sangue. Pareço parecido com o que pensei na sombra do espelho da minha consciência... Eu ordeno! Feche os olhos, pensa na escadaria envolta em luz, no berço da serenidade. É lá nesse mundo que moro eu, é lá que assim farás também tu. Moro mas não morro, pois morrido estou onde vives e morres onde eu vivo, na palavra e texto.

O tesouro está lá, naquela praça que são os pés da escadaria. Tesouro que ninguém encontrou, somente as crianças na alegria de balanços, e dependurada em algum brinquedo. Esse tesouro é também a paz de se viver naquilo que não é comprar uma corda, nem tentar o contrário não suportar. Algo que possuímos e não sabemos, que

CONTOS EXPERIMENTAIS

vivenciamos e não lembramos, que acima de tudo, duvidamos. Naquilo que criamos mentalmente, indizível.. E esse rico objeto que não é objeto, que não é nada, é na verdade tudo o que se aspira na feliz idade. É como pipoca doce na boca de que fala sem temor, é voz que não cala, suspiro, lembrança de um eco que vem em imagem, da escadaria.

Contudo vou contar uma história do meu sangue. Certa vez um moço que de aparência era loiro, e de olhos verdes, de motocicleta ao seu tempo, de ofício especialista em diversos, como marcenaria, funilaria, mecânica, sem diploma engenheiro, chamado Alex, conheceu uma moça que rica era em sua feição, a qual na identidade tinha escrito o patronímico Margarida. Ele de cidade vizinha com o nome de rio, ela daqui da terra da escadaria. Os meus olhos fotografaram estes dois tomados pelas flores e jardins em momentos em que o cupido os ferira. Ela na fábrica de chocolate laborava e também experimentava alguns. Na escadaria foram assim alimentados por mais do que os chocolates da cidade, porém pelo cortejo da mais sublime sacralidade que por fim resultou em eterno laço.

Também há honrado personagem da minha linhagem que era açougueiro e o melhor de tudo: confeccionava caixões. É dele que aqueles personagens compraram a última morada de seu

CONTOS EXPERIMENTAIS

querido e respeitado féretro. Sua esposa, Júlia, a qual contava sempre grãos de um terço entre os dedos das mãos, era mística. Também esse honrado homem de nome João, era especialista em churrasco, que naquele tempo era feito de carne quente, de recém abatido boi, que grosso era cortado. Tem de sapecar, dizia, pois de outro modo não assaria. Também foi um daqueles que longo viveu, por causa da escadaria ter passado.

No que se refere aos meus pais, sim fantasma tem pais, estes de caráter valoroso como mármore polido, dão sentido ao que faço. Já de bodas muitas, são como muitos que se casaram na catedral da escadaria, que sinceros permaneceram em conversas longas, que duram anos dezenas. Um laço tão límpido, esfera polida e inabalável a dificuldade, medalha que não enferruja. Eles sempre iam passear no cemitério, talvez por perto ter endereço. Admiravam as belas lápides e estátuas bem talhadas que normalmente se acabam no anonimato do desinteresse pelo que há de mais certo. Passavam horas nesse ritmo calmo, nesse lugar que muitos por engano temem. Assim andavam de unidos passos, ela telefonista de prefeitura da cidade das serrarias, ele militar já sargento, da cidade da princesa Francisca, ambos belos personagens que acabaram por realizar seu sonho na cidade da escadaria.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Outro da minha linhagem, tem numa rua a sua homenagem. Teodoro, que ajudou nos primeiros passos da famosa indústria de pentes, tinha um lindo jardim em sua casa, numa estufa que lembra o Éden a que esquecemos na queda. Juntamente com sua esposa, convidavam amigos que ao som de sua cítara, com dedilhados calmos e cheios de sensibilidade, conversavam e ordenavam as crianças para que na sala deixassem de entrar, mesmo estas curiosas do som do esquisito relógio que revelava em badaladas o número das horas. Ele lavava os pés e após ia dormir. Florido encanto que sempre adorna minha reminiscência. Lembro porque sua residência era na frente do antigo e não mais existente cemitério.

Termino eu desaparecendo nas linhas. Casei com uma fantasma muito bela. Ela se veste sempre de preto e tem a pele branca como a geadas. Moramos na casinha do cemitério, cuidamos dos amigos perdidos que ao desencarnarem não sabem o caminho. Vemos os lindos túmulos e passeamos de mãos dadas no cemitério, na casa que reina em nossos corações de eterno amor que não se corrompe. Pelo menos não vamos morrer.

Encerrada a sessão...

AMIGOS TEMPERADOS

Vi ele sentado no banco, mas não sacou dinheiro. É amigo meu, mas esqueceu. Seu apelido lembro: Chucrute. Também que com a ruiva “só love”. Depois foi embora, quando montou num Bora, saiu pela faixa. Encaixa todo esse fato com o que eu sei, mas há quem o conheça mais. Antes de mais nada me apresento: sou o Gordo.

Noutro momento, eu lamento que não tivesse comentado com Leonarda, ela que o conhecia da escola. Via sempre os dois naqueles primeiros que “ficavam”, no muro, no furo, eixo. Ela tem os cabelos quase ferrugem, ele o passo quase manco. Leonarda e Chucrute: um almoço mais do que germânico. Ele às vezes azedo, ela um tanto enjoada. Somente esta o podia aturar. Artur que o sabia, pois o conhecia, quase sempre quando de repente na serpente do zoológico... Lógico, era um casal mais perfeito que um relógio.

Contudo conheci o Chucrute quando não era ainda empacotado. Um cara que amarra sempre quando emburrado, mas alado quando amado. Não curtia quase nada, mais ainda estava fresco. Com

CONTOS EXPERIMENTAIS

refresco era espécie de tempero, nos momentos solitários, amigo das melhores horas, senhoras, demoradas. Mais ainda quando estava misturado com aquele outro, o Maionese. Aquele que faz aniversário em maio. Esse último jogava bola, era caipora na floresta. Nada caipira, a não ser em festa junina. Maionese não se esquece que não pode ficar sozinho, que é muito azedo. Mas isso ainda é parte do que lembro.

Antes que me esqueça, vou falar do Salgado, que somente parava em festa. Usou demais do saleiro, por isso do apelido. Ele tinha aqueles óculos esquisitos, quase quadrados. Falava engraçado, trocando o gago pelo rápido. Não gostava de Leonarda, não se misturavam. Ela com problema “de pressão”, mas sem depressão, tirava sarro quando barro havia em seu sapato. Sapo era também como o chamava. Só a conhecia de vista, pois no almoço estavam sempre os três: Chucrute, Salgado e Maionese. Um azedo, outro difícil de engolir e outro o de sempre. Maionese era sempre molhado, liso. Nas festas, eu que era o Gordo, bem como eles, sempre fomos os primeiros a chegar e os últimos a “ficar”. Fisgar ninguém conseguia, nem gata, traíra. Com ira acabávamos.

Certa vez o Chucrute não estava bom, teve insolação. Desolação. Talvez problema de bactéria.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Porém o entendia, ajudava, comprei remédio. Que tédio era não tê-lo consumível. O Salgado ainda não era tão amigo, sumido, antes preferia o doce. Mas isso tudo naquele campo, acampamento, lamento, succulento. Melhor de tudo era o lanche. De lancha, tão rápido passa o tempo, veraneio. Do salgado ninguém gostava, tinha um gosto estranho, um gênio difícil, viajava na maionese. Ninguém merece. Pior ainda que o próprio Maionese.

O Maionese morava na casa sem número, não pintada, com portão que não fechava. Uma vez fui lá e ele tava arrumando o seu rumo, ao estudar para o vestibular. Nem “rolé” naquele dia, mas picolé de sobremesa. Estudava em seu *notebook*, acho que num *e-book*, na meia página. De meias. Dizia: “As melhores provas se fazem quando há a opção certa”. Eu confirmava com ele. Sabia sempre a resposta, pelo menos pelo que lembro. Resumo, prumo, balanço, avanço. Tudo estudava. Até o popô das gatas. Popó lutava na televisão. Tudo contribuía para que tudo desse certo. Torci para meu amigo, que no meio da salada de matérias se encontrava.

Sobre a Leonarda e o Chucrute, no coreto fiquei corado ao vê-la lambuzada. Fazia piada deles, era sempre vela. A fivela minha não suportava as calças, nem valsa, nem dança. Lambança. Pança. Ela fazia dele tempero a sua vida, todo dia, sempre no

CONTOS EXPERIMENTAIS

almoço. Tão moço, azedo. Levedo. Leve foi o medo de tê-los quase pegado, naquela “pegação”. Por fim meus amigos são também temperados com emoção, semelhante a gastronômico momento. Eu sou hoje astronômico, econômico, trabalho no banco. Muito devo aos meus amigos temperados. Tudo de bom, *fastfood* com bombom.

CONTOS EXPERIMENTAIS

Outros livros do autor

Um Mestre entre Nós – Contos
místicos para a cura total

Tempo sem Tempo e Espaço sem
Espaço – poemas selecionados

Fisionomia Oculta

Reflexões sobre o Amor

Mistérios Ocultos do Amor

CONTOS EXPERIMENTAIS